

Revista da Graduação

Vol. 6

No. 1

2013

12

Seção: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Título: MULHERES ITALIANAS EM PORTO ALEGRE (1945-1955):
Aspectos da imigração urbana

Autor: EGISELDA BRUM CHARÃO

Este trabalho está publicado na Revista da Graduação.

ISSN 1983-1374

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/13786>

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA

EGISELDA BRUM CHARÃO

MULHERES ITALIANAS EM PORTO ALEGRE (1945-1955):
Aspectos da imigração urbana

Porto alegre
2012

EGISELDA BRUM CHARÃO

MULHERES ITALIANAS EM PORTO ALEGRE (1945-1955)
Aspectos da imigração urbana

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do grau de bacharel pelo curso de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Núncia Santoro de Constantino

Porto alegre
2012

EGISELDA BRUM CHARÃO

MULHERES ITALIANAS EM PORTO ALEGRE (1945-1955):
Aspectos da imigração urbana

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do grau de bacharel pelo curso de História da Faculdade de Filosofia e Ciências humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Núncia Santoro de Constantino - PUCRS

Prof. Dra. Claudia Musa Fay - PUCRS

Doutoranda Danielle Heberle Viegas - PUCRS

Porto Alegre
2012

AGRADECIMENTOS

À professora Núncia Santoro de Constantino, que sempre presente incentivou e orientou a pesquisa e o desenvolvimento do trabalho no Laboratório de História Oral. Sua disponibilidade e a confiança em mim depositada tornaram possível a elaboração e a execução do projeto inicial.

À FAPERGS, que oportunizou, por dois anos, uma bolsa de iniciação científica, contribuindo para a execução do trabalho.

Às senhoras Iole Tredici, Francesca Coniglio Ducceschi, Dalva Di Martino Cassará e Valéria Novek Paskulin, depoentes que se disponibilizaram a contar suas histórias de vida e memórias sobre a imigração, contribuindo para a pesquisa.

Aos colegas, conhecidos e parentes que se empenharam na indicação de imigrantes, na participação da coleta dos depoimentos e nas sugestões sobre a organização do texto: Danielle Viegas, Leonardo Conedera, Bruna Santiago, Jaqueline da Silva de Oliveira, entre outros.

E, por fim, e não menos importante, ao meu marido, que incentivou, colaborou e acedeu aos meus pedidos de paciência e ajuda sempre que solicitado durante a caminhada acadêmica.

Quando passamos na mesma calçada, junto ao mesmo muro, o ruído da chuva nas folhas nos desperta alguma coisa. Mas, a sensação pálida de agora é uma reminiscência da alegria de outrora. Esta sombra tem algo parecido com a alegria, tem o seu contorno: é uma evocação.

Eclèa Bosi

RESUMO: Este trabalho apresenta e analisa aspectos da imigração italiana em Porto Alegre no período de 1945-1955. Utilizando a metodologia da História Oral, expõe-se as histórias e memórias das mulheres imigrantes italianas, evidenciando pontos de vista relativos ao cotidiano, ao trabalho e lazer da sociedade urbana porto-alegrense na segunda metade do século XX.

Palavras-chave: História Oral. Porto Alegre. Imigrantes italianas.

ABSTRACT: This paper presents and analyzes aspects of Italian immigration in Porto Alegre, between 1945 and 1955. Using the methodology of oral history presents the stories and memories of Italian immigrant women, highlighting points of view relating to daily life, work and leisure of the Porto Alegre's urban society in the second half of the 20th century.

Keywords: Oral History. Porto Alegre. Italian immigrant.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	
09	
2	CONTEXTO NA ITÁLIA (da partida)	
2.1	Fascismo e Segunda Guerra Mundial.....	16
2.2	Pós-guerra e imigração.....	21
3	CONTEXTO NO BRASIL (de chegada)	
3.1	Brasil e Rio Grande do Sul.....	22
3.2	Porto Alegre.....	24
4	MULHERES IMIGRANTES: TRÂNSITO	
4.1	Mulheres italianas.....	27
4.2	Francesca Ducceschi.....	32
4.3	Dalva Di Cassará.....	40
4.4	Iole Tredici Paz.....	44

4.5	Valéria	Novek
	Paskulin.....	51

5 ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS

5.1	Narrativas
	indiciárias.....
	54

6 CONSIDERAÇÕES

FINAIS.....	62
-------------	----

REFERÊNCIAS.....	
.....	65

INTRODUÇÃO

Ouvir e registrar os relatos de mulheres procedentes de outros países permite fazer uma viagem ao passado, pois elas guardam na memória as lembranças das experiências vivenciadas ao longo do tempo. Segundo Pereira (2008, f. 122), “nas famílias o papel de guardião da memória é desempenhado majoritariamente pelas mulheres, pois esse é um espaço onde elas reinam em absoluto”. Neste trabalho, a escolha recai sobre um grupo de mulheres¹ com idade entre 75 e 95 anos.

Entende-se que “elas dedicam-se à guarda e à reelaboração permanente da memória do seu grupo, produzindo discursos organizados e controlados, referenciados ao passado, que permitem a coesão do grupo” (POLLAK, 1989, p. 8). Alguns discursos são caracterizados por objetos que exprimem em seus conteúdos vestígios de uma imigração de peninsulares para o Brasil (PEREIRA, 2010, p.2).

¹ Como os depoimentos analisados foram fornecidos por mulheres com idade entre 75 e 95 anos, entende-se que as mesmas são mulheres idosas. Segundo o Estatuto do Idoso (Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003), idoso é a pessoa com idade igual ou superior a 60 anos. Disponível em: <<http://jus.com.br/revista/texto/5122/conceito-de-idoso-na-legislacao-penal-brasileira>>.

Suas narrativas são indiciárias da história coletiva (GINZBURG, 1998, 2009), pois são pessoas mais velhas e os velhos têm a função social de lembrar e contar para os mais jovens a sua história, contando de onde são provenientes, o que fizeram e aprenderam. As pessoas mais velhas, por suas experiências e vivências, se tornam a memória da família, do grupo, da sociedade (BOSI, 1983).

Neste sentido, as mulheres são indicadoras para os estudos da história da imigração no Brasil. No presente estudo, optou-se pela cidade de Porto Alegre/RS, entre os anos de 1945 e 1955, quando as imigrações espontâneas² se intensificaram em virtude da Segunda Guerra Mundial, que gerou uma aguda crise econômica na Europa. É importante entender os diferentes olhares e percepções da cidade, levando em conta a origem de cada uma das imigrantes e confrontando as formas distintas de relações à medida que se integravam à nova realidade. A questão colocada em curso nesta investigação é a seguinte: como pode ser caracterizada a imigração a partir do olhar feminino na cidade de Porto Alegre/RS entre os anos de 1945 a 1955?

Através do depoimento de quatro mulheres italianas, buscou-se reconstituir as peculiaridades das mulheres imigrantes, confrontando olhares e percepções no espaço urbano de Porto Alegre/RS. Com vistas nisso, contextualizou-se o recorte temporal predeterminado, identificando a presença das mulheres imigrantes em Porto Alegre/RS antes de 1945. Também foram investigadas mulheres imigrantes na estrutura e no espaço sociocultural da cidade de Porto Alegre/RS a partir das relações interétnicas, da identidade e memória e das sociabilidades nos espaços cotidianos (trabalho e lazer).

Vários foram os motivos que nortearam a escolha do tema, porém dois ressaltam a relevância da investigação: o primeiro centra-se na possibilidade de investigar aspectos da imigração urbana na cidade de Porto Alegre através de depoimentos orais, para, dessa forma, produzir e ampliar o acervo de fontes de estudos sobre as mulheres imigrantes nas cidades gaúchas; a segunda razão, que mesmo sendo um problema é uma justificativa pelo fato de que pesquisar a imigração a partir das mulheres é pertinente, porque seus relatos fornecerão pistas para entender os meandros e os artifícios utilizados pelas mulheres imigrantes para se adaptarem e construírem identidades contraditórias e diversificadas.

² Imigração voluntária e espontânea é aquela em que os indivíduos se valem de recursos próprios para financiarem a viagem até o país de destino.

Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLAK, 1992, p.5)

Nesse sentido os depoimentos das mulheres italianas auxiliam na compreensão das relações de poder que balizavam o trânsito feminino em determinados “locais” de convívio social, regulando suas ações e atuações sociais no espaço citadino ao longo do período abarcado. A escolha recai sobre italianos porque a pesquisa se harmoniza com os estudos da prof. Núncia Santoro de Constantino (2000, 2008) sobre os italianos na cidade. A outra explicação se assenta no fator que entre as fontes escritas produzidas durante a pesquisa, noventa por cento dos relatos orais são de mulheres imigrantes italianas que se dispuseram a colaborar com a investigação.

A averiguação se justifica, pois as pesquisas sobre as mulheres imigrantes nos centros urbanos ainda é pouco explorada pelos estudiosos de imigração. Até o momento foram privilegiados outros espaços no Rio Grande do Sul, entre eles destaca-se a região serrana de Caxias do Sul e Novo Hamburgo. As fontes utilizadas para as investigações foram documentos oficiais como os relatórios consulares e os documentos eclesiásticos. Quanto ao recorte temporal os trabalhos que proliferam são relativos à grande imigração que compreende o período que vai de 1875 a 1934. (GIRON, 1996, p. 116-131)

Entretanto, pode-se citar pesquisadores(as) com publicações recentes sobre mulheres imigrantes nas cidades. Alguns autores se aproximam do mesmo recorte temporal deste estudo, entre eles: Dra. Gisela A. Büttner Lermem (Teologia), Dra. Berta Weil Ferreira (Educação), Dra. Inês Manuel Minardi (Ciência Política), Maria Aparecida Macedo Pascal (História), Syrléia Marques Pereira (História), Dra. Maria Consuelo Passos e Maria Silvia Micelli do Carmo (Psicologia), Marie Felice Weinberg (Letras), Estefânia Gonçalves Silva, Maria da Conceição Nogueira e Ana Sofia Antunes das Neves (doutorandas em Psicologia Social), Marilene De Carli Bonafé (História e Literatura), Dra. Gláucia de Oliveira Assis (Ciências Sociais) e Núncia Santoro de Constantino (História). Seguindo a mesma direção investigativa, este trabalho pretende desenvolver e ampliar os estudos sobre as mulheres

imigrantes nos centros urbanos, indo ao encontro do trabalho da professora Constantino.

Para trabalhar as questões relacionadas à História Oral, buscou-se suporte nas obras de Portelli (2010) e Thompson (1992), que elucidam sobre os procedimentos teórico-metodológicos relativos ao uso das fontes orais pelo historiador e também chamam a atenção para a função social da oralidade de uma narrativa de vivências. Sendo sociais, as narrativas priorizam um grupo composto por indivíduos que compartilham experiências e fatos vividos, portanto, eles também desenvolvem relações de amizade ou trabalho. O método de escolha dos entrevistados deriva de indicações; pode ser chamado de “bola de neve”, no qual o entrevistado indica o nome de outra pessoa para entrevista futura.

Vale lembrar que algumas depoentes não foram indicadas por entrevistados, mas por conhecidos e amigos que tomaram conhecimento da investigação acadêmica. Assim, o critério de seleção é aleatório e depende da relação desenvolvida entre entrevistado e entrevistadores, priorizando mulheres italianas acima de 60 anos, tendo em vista o recorte temporal escolhido. Amparada nos estudos de Thompson, Sonia Maria de Freitas³ afirma “que a História Oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisas em diferentes áreas” (FREITAS, 1992, p. 19).

Segundo Freitas, “é preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência de fatos coletivos” (idem, ibidem). Quanto ao social, em seus estudos priorizou os grupos ou classes sociais locais de minorias que viviam em determinadas comunidades. Eles apontam para as relações sociais de grupos, espaços e tempos definidos. Ao mesmo tempo levantam questões relacionadas aos cuidados com o material produzido (narrativa oral, transcrição, formas de armazenamento e divulgação e por fim a interpretação), que deve levar em conta, na escrita final ou na produção científica, a subjetividade do indivíduo, as entrelinhas, os gestos, as expressões, etc.

Em se tratando de História Oral, memória e imigração, o embasamento foi encontrado nas investigações de Núncia Santoro de Constantino (2000, 2004, 2006,

³ Sonia Maria de Freitas prefaciou a edição brasileira da obra *A voz do passado: História Oral*, de Paul Thompson, publicada pela Paz e Terra S.A. de São Paulo em 1992.

2008). A historiadora define imigração como “um deslocamento de diferentes pessoas em diferentes tempos e espaços, qualificados em muitos sentidos, isto é, econômica, política e culturalmente” (idem, 2006, p. 65). Portanto, é uma “viagem que pressupõe três momentos: a partida, o trânsito e a chegada” (LEED, 1992 apud CONSTANTINO, 2006, p. 65).

No mesmo texto a autora discorre sobre a evolução da História Oral desde seus primórdios até sua revitalização nos anos sessenta. A autora ressalta que a narrativa oral tanto se apoia nas memórias, e “memórias são narrações de quem vivenciou processos socioculturais, quanto na memória, e memória, no singular, pode ser a capacidade de reter fatos, ideias, impressões e retransmiti-las, através de diferentes suportes, como a escrita ou a voz” (idem, ibidem).

A obra também busca problematizar a construção de autorrepresentações⁴ dos imigrantes que se expressam por meio de estereótipos (CONSTANTINO, 2006, p. 71), como: “mulher paciente, mulher generosa, mulher avançada, mãe abnegada, comerciante honesto, pai trabalhador, menino pobre e trabalhador, filha dedicada, a mãe exemplar, o imigrante incansável, o trabalhador modelo”. Constantino (2006) também relaciona as formas de narrativas aos gêneros literários como sendo: “a dramática, de autoapresentação; a fatalista, para quem a vinda era a única opção ou saída; a épica, que narra um grande feito permeado de vitórias, grandes desafios e um final feliz e também a pitoresca que faz concessões e ri das situações vividas” (idem, p. 72).

Nos relatos é possível destacar aquilo que causa estranhamento, ou seja, a reação diante do inusitado ou desconhecido ao tomar contato com outra cultura ou indivíduo. Afinal, é na relação entre homens e mulheres e destes e destas com o mundo que uma nova realidade se constrói e novos homens e mulheres se fazem. Criando cultura. Fazendo história (ANTUNES & PADILHA, 2004, p. 1).

Sobre imigração urbana, Constantino (2008) concluiu que a presença dos italianos nas cidades resultava da existência de uma imigração não subvencionada. A autora contrapõe a vinda de italianos com os condicionantes históricos que favoreceram a busca pelo Brasil, em especial pela cidade de Porto Alegre. Também formulou categorias com as quais identificou os imigrantes meridionais, dentro da estrutura social porto-alegrense. Dessa forma, foram identificados tanto os

⁴ Para conhecer mais sobre autorrepresentação Constantino sugere Ronald Fraser, *Historia oral, História social. En História Social*, nº 17 otônõ, 1993 (Inst. Historia Social, UNED, Valência) p. 131-139

imigrantes em camadas sociais inferiores quanto os imigrantes que ascenderam economicamente e se inseriram na elite local. A pesquisa de Constantino (2008) evidenciou como se processavam as relações étnicas e as sociabilidades desse grupo e como eles preservaram a identidade cultural através da união, em que ser italiano pressupunha família e trabalho.

As relações familiares nas imigrações foram analisadas por Syrléia Marques Pereira (2010) quando enfatizou que além dos vínculos de descendência linear, existiam os laços de colateralidade, ou seja,

[...] as ligações de parentela reais ou adquiridas, no sentido horizontal, que ligavam, através de uma fina rede de normas e relações, tanto sociais quanto econômicas, os parentes colaterais. Tais laços contribuíam para a criação e estabilização das relações interfamiliares e, ao contrário das relações parentais verticais, nas de colateralidade prevaleciam a solidariedade, a mutualidade e a reciprocidade, onde significativos eram o sistema de favores e contrafavores que ligavam os vários núcleos familiares, e não raro, transcendiam às relações sociais pessoais, alcançando o nível econômico. (PEREIRA, 2010, p. 8)

Desse modo entende-se que os movimentos migratórios, entendidos como processos de deslocamento no espaço físico e social, de indivíduos e coletividades, encontram na condição do “retorno” seu princípio instrumental fundamental. (FAZITO, 2008, 01). Estes deslocamentos caracterizam-se pelas relações sociais entre imigrantes e os não imigrantes e para entender esses relacionamentos, tomou-se como referência as redes sociais na imigração, as quais segundo interpreta Adelita Carleial:

[...] são compostas por um conjunto de pessoas com marcas mais ou menos nítidas de ligações de parentesco, político-partidárias e religiosas, porém essas características diferenciadoras não explicam a natureza geral ou o conteúdo dessas relações. Portanto, fenômenos sociais encontram nas práticas sociais e coletivas os seus significados, as suas interpretações. E essas sociabilidades vão sendo modificadas pelas ações e estratégias dos indivíduos e dos grupos, em distintas modalidades, intensidades, dinâmicas, dependendo das posições e das situações dos atores nesta estrutura e nesses sistemas (SOARES, 2002, MARQUES, 2002 Apud CARLEIAL, 2004. p. 9).

Quando se pensa em história e memória as reflexões de Le Goff (1996) levantam questionamentos contemporâneos, que surgem à medida que ocorrem os chamados “embates históricos”, ou seja, divergências de pontos de vista entre historiadores. O autor ressalta que esses embates nortearam o processo evolutivo

metodológico e científico do fazer histórico que perpassou da história universal e tradicional para uma história nova. Esta história nova tem como ponto de partida o indivíduo e as implicações do fato histórico em seu meio social e seu modo de vida. Para o autor, a memória pode ser dividida de três formas ou tipos que podem ser entendidos como a base sobre a qual se inscrevem os encadeamentos de atos: a específica, a étnica e a artificial.

A primeira define a fixação dos comportamentos de espécies animais. A segunda assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas. A terceira é a memória eletrônica, pois reproduz os atos mecânicos encadeados (LERROI-GOURHAN, 1964-65 apud LE GOFF, 1996, p. 427).

Já a memória coletiva pode ser definida como tudo “o que fica do passado vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado” (NORA, s/d apud, LE GOFF, 1996, p. 472). Entretanto, salienta-se que a memória coletiva age como um instrumento e objeto de poder. Nesse viés, os escritos das sociedades que têm sua história baseada na oralidade permitem compreender os processos de dominação a partir das recordações de grupos constituídos socialmente (ibidem, p. 476). Le Goff (1996) encerra o capítulo concluindo que “A memória, onde nasce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (idem, p. 477).

Para Halbwachs, “a memória (espontânea e viva) é interiorizada pelos quadros sociais e história (racional, exterior e laicizante)” (HALBWACKS, 1990 apud SCHMIDT, 2006, p. 93). Partindo deste princípio, Schmidt (2006) traça diferentes parâmetros conceituais sobre história e memória, dois dos quais salientam:

O primeiro é que a história se liga às continuidades temporais, as evoluções e as relações das coisas. O segundo é que a memória emerge de um grupo que ela une; o que quer dizer que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é por natureza múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. Define ainda a memória como um fenômeno social, uma reconstrução (e não conservação) do passado (idem, p. 92).

A memória da sociedade pode ser percebida nas construções representativas que as pessoas elaboram de si e do outro (CHARTIER, 1990) quando se relacionam cotidianamente (HELLER, 1989). São representações manifestadas nas práticas

culturais (HOBSBAWN, 1984; PESAVENTO, 2008) recorrentes em determinados espaços de convivências, que são limites visíveis ou invisíveis (BHABHA, 2005).

Rosemary F. Brum (2003, 2006) trata as nuances da história, da subjetividade, ou seja, da memória que imagina. A autora procura entender o compartilhamento e solidarização valendo-se do diálogo interdisciplinar com a neurociência. Nesse diálogo é pertinente a função cognitiva⁵ da imaginação na constituição da memória. Através dele retomam-se as origens da narrativa que se configuram nos textos literários. Brum (2006) alerta o historiador para as inúmeras maneiras de distinguir memória e imaginação, pois elas se manifestam e podem ser percebidas nos gestos corporais, nas entonações vocais e nas expressões faciais. Outra forma de manifestação aparece na força narrativa, já que a fala porta um relato testemunhal e pressupõe uma veracidade, assim, o depoimento deve ser entrecruzado com outros documentos.

No que diz respeito à imaginação, a autora assevera que “imaginação preenche os abismos que aparecem na narrativa, ou seja, imaginação é a habilidade de interligar elementos e eventos separados por espaços vazios, essa habilidade caracteriza-se como um ato de memória transmitida culturalmente pela oralidade” (BRUM, 2006, p. 76). Nesse viés, pode-se afirmar que “na História Oral se apresenta a memória coletiva, impressa de subjetividade nos ritmos e nas imagens que ultrapassam o conteúdo” (idem, 2006, p. 83). “A história narrada existe quando a memória se manifesta, selecionando motivos para esquecer/reter novas impressões.” (idem, ibidem)

Dado o embasamento da imaginação, partiu-se para a investigação propriamente dita, que foi dividida em três etapas. Na primeira fase foi feita a seleção bibliográfica de obras que contemplam os contextos, os teóricos na metodologia da História Oral e conceitos de referência, como: memória, imigração, cidade, subjetividade, análise de conteúdo dos processos migratórios das mulheres. Após a familiarização com algumas obras relativas ao tema, o passo seguinte foi a realização da pesquisa de campo e entrevistas sobre os imigrantes na cidade de Porto Alegre nos anos anteriores e entre 1945 e 1955. Terminado este levantamento, o material resultante foi catalogado e armazenado em banco de dados do Laboratório de História Oral para estudos futuros.

⁵ Nesta perspectiva, a cognição pode ser entendida como o processo pelo qual o ser humano interage com os seus semelhantes e com o meio em que vive.

Ainda nesta fase, se buscou, junto aos colegas que estudam a imigração, indicações de mulheres imigrantes que se disponibilizassem a conceder depoimentos contando suas histórias. Os aparatos necessários para coleta dos depoimentos foram os seguintes: gravador, máquina fotográfica, digitalizador de mão e suporte humano para auxiliar no manuseio do aparelho de áudio ou vídeo. Imediatamente após a coleta do depoimento foi feita a transcrição do mesmo. Posteriormente, se retornou à residência da depoente para a revisão e a assinatura de autorização, disponibilizando o depoimento para o LPHO. Nesta mesma data foram recolhidos e armazenados materiais de apoio fornecidos pela depoente (fotos, filmes, recortes de jornais, entre outros). Depois o material foi catalogado e disponibilizado juntamente com o depoimento e depositado no LPHO. Após foi feita a reflexão sobre o depoimento, utilizando técnicas de análise de discurso, criando categorizações como forma de construir uma narrativa a partir dos indícios fornecidos pela depoente.

A segunda fase foi de elaboração inicial do projeto, que já sinalizou as primeiras questões relacionadas aos objetivos da pesquisa. Nesta fase consta uma leitura preliminar, a relevância da pesquisa. Então foram definidos o tema, o recorte temporal e espacial investigado e a pergunta feita anteriormente. Com vistas a atingir a meta já especificada, foram pontuadas algumas questões que possibilitarão chegar até o objetivo principal, o que ocorreu através da investigação de alguns temas específicos já mencionados. Foram os objetivos específicos que auxiliaram a encontrar a resposta para a questão central norteadora da pesquisa.

A terceira fase foi da escrita final do texto, que partiu da seleção, reflexão, análise e interpretação do material coletado, ou seja, das fontes escritas, imagens, depoimentos orais, complementação e seleção das leituras, definindo os conceitos a partir dos quais se refletiu o tema. Definido o material, com a aprovação e supervisão do orientador, foi definido o formato da produção textual. Nesta fase a pesquisa já estava esboçada e, a partir daí, foram selecionados os tópicos a serem desenvolvidos. Esta foi a etapa em que ocorreram algumas mudanças no projeto, nos critérios e na bibliografia que norteou o trabalho.

Os tópicos selecionados estão divididos em quatro capítulos, precedidos por uma introdução, na qual constarão o objetivo, a justificativa, os passos, a metodologia e as ideias dos teóricos que embasaram a pesquisa. No primeiro capítulo será elaborado um panorama geográfico, político e social da época de

partida das depoentes, contextualizando o fascismo, a Segunda Guerra Mundial, o pós-guerra e a imigração no período. No segundo capítulo serão dadas as condições de chegada das mulheres no Brasil, ou seja, como o Rio Grande do Sul e Porto Alegre se apresentavam política, social e economicamente na época da vinda das mulheres italianas. No terceiro capítulo serão apresentadas as histórias das mulheres e analisados os depoimentos de cada uma, segundo os teóricos já citados na introdução. Encerra-se o trabalho com as considerações finais.

2 CONTEXTO NA ITÁLIA (da partida)

2.1 Fascismo e Segunda Guerra Mundial

No início do século XX a Itália passava por uma crise profunda, decorrente das guerras que ocorreram entre 1859 e 1870 e da unificação tardia do seu território. Além disso, o papado negava-se a se submeter ao rei e as regiões se recusavam a falar o italiano, mantendo o dialeto local. Somando-se a estas dificuldades, a industrialização e a modernização econômica andavam a passos lentos, pois as diferenças entre o sul agrícola e o norte modernizado dificultavam a integração econômica. As pessoas esvaziavam os campos em busca de trabalho nas indústrias, ocasionando períodos de carestia e aumentando o desemprego nas cidades industriais. Esta situação fez com que os partidos de esquerda⁶ ganhassem mais adeptos, o que preocupava a elite capitalista.

O estado monárquico, que vinha da época da unificação, conservador e apoiado pelas elites industriais, pouco fazia para resolver os problemas sociais. Entrara na Primeira Guerra Mundial contra a Alemanha buscando novos territórios e visando crescimento e reconhecimento internacional. Terminada a guerra, a Itália teve suas ambições frustradas, se sentiu traída por Inglaterra e França e a crise socioeconômica se aprofundou no pós-guerra.

O país apresentava um quadro de agitação, insegurança, insatisfação, de medo dos assaltos da pequena burguesia, de greves nas indústrias e reivindicação por reforma agrária. Em meio a isso começaram a se organizar movimentos

⁶ Comunistas, socialistas e anarquistas.

políticos. Benito Mussolini, em 1919, criou o Fasci di Combattimento,⁷ formado por um grupo de pessoas com formações políticas e opiniões diversificadas sobre o futuro italiano. Esse grupo era composto por socialistas, sindicalistas, intelectuais futuristas, militares, nacionalistas e tinha como objetivo retomar a história do povo italiano, acreditando que a Itália poderia voltar a ter a glória do Império Romano da Antiguidade. Em pouco tempo se tornou um movimento de massas que deu origem, em 1921, ao Partido Nacional Fascista.

Nos anos de 1920-22 houve o crescimento de um fascismo agrário no centro e no norte da Itália. Já nos centros urbanos os núcleos fascistas usavam da violência contra organizações e instalações de militantes socialistas e sindicalistas (BLINKHORN, 2010, p. 39). A ditadura do regime fascista se consolida em 1925, com uma série de medidas repressivas.

Os sindicatos são banidos, a imprensa é censurada e a administração passou a ser exercida através de nomeações de funcionários, tudo vigiado pela polícia secreta. O regime adquire conotação nacionalista nos anos 30, emergindo da crise de uma sociedade que avança do estágio tradicional para uma sociedade moderna e de massas. A principal característica do regime nesta fase foi o nacionalismo exagerado e a idolatria do *Duce* (BLINKHORN, 2010, p. 54). Nesta década, o regime ganha caráter corporativo com o Estado, integrando empregados e empregadores. Cada associação regulava seu quadro de membros e a natureza da produção (VINCENT, 1995, p.171), ou seja, o trabalho e o capital estavam subordinados ao Estado.

Essa conformação ocorreu em função dos meios de comunicação, de propaganda, de organizações e de assistência dos tradicionais aos mais modernos e revolucionários, todos sobre o monopólio do regime que assegurava a Mussolini o controle do país. Para tanto, Mussolini conseguiu o apoio da igreja através do Tratado de Latrão, que formalizava o estado do Vaticano, subordinando os paramilitares, a violência real e sua ritualística. Em 1932, afirmava que seu Estado era uma “democracia modernizada, centralizada, dotada de autoridade e capaz de representar organicamente a nação” (MANN, 2008, p. 138).

Mussolini valeu-se principalmente do vazio no poder que, em meio às dificuldades, criou condição para o surgimento da nova ideologia, baseada num

⁷ O termo se origina da palavra latina *fasces*, ou seja, feixes de varetas atados, significando a força da unidade símbolo do poder dos Cônsules da Antiga Roma (VINCENT, 1995, p. 146).

estado autossuficiente, moderno e industrializado. Para atingir este fim, a parte meridional fornecia matéria-prima e alimentos a custos baixos e a parte setentrional investia na indústria. Entretanto, a política agrária priorizava a produção de cereais em detrimento de outras culturas de exportação. Isso em função da política de crescimento demográfico que pressupunha um aumento populacional. Em consequência do aumento de consumo de cereais, a população se multiplicaria e o resultado seria o aumento da força militar.

Também foi adotada a campanha de ruralização, que buscava desmotivar as migrações do campo para as cidades, pois as mesmas não comportavam a concentração da população e careciam de habitação para uma grande parcela de pessoas, o que fomentava descontentamento. Vale salientar que a indústria permaneceu incipiente na região sul, com uma produção artesanal e familiar. O parco desenvolvimento da indústria no sul da Itália resultou do desinteresse de empreendedores e políticos, o que desfavorecia o crescimento da atividade industrial. Já no norte a indústria alavancou seu desenvolvimento, pois os políticos eram vinculados aos latifúndios. Essa diferença no desenvolvimento econômico criou condições de dependência entre as regiões, acentuando as diferenças sociais já existentes. Segundo a interpretação fascista da economia, isso era causado por quatro fatores:

Primeiro, a política tinha primazia sobre a economia; segundo, o foco da política estava centrado na nação e no Volk⁸, e, portanto, a economia era essencialmente determinada pelos objetivos nacionais; terceiro, as práticas econômicas adotadas eram uma mistura de políticas socialistas e liberais; e, finalmente, assim como em outras áreas da ideologia fascista, havia uma tensão entre prescrição e realidade (VINCENT, 1995, p. 170).

Com o objetivo da Itália pelo Segundo Império Romano, Mussolini pretendia expandir o território para ampliar o comércio de matéria-prima, como o carvão, o ferro e o petróleo, monopolizado pela Inglaterra, que fincava posição no Mediterrâneo. Mussolini, para garantir o território, mandou fortificar a ilha de Malta. Ao mesmo tempo, rearmou o exército e treinou os nativos, que constituíram a base do exército colonial italiano até o início da Segunda Guerra. Entretanto, os arsenais de guerra da aeronáutica, marinha e exército estavam defasados em relação às potências estrangeiras. Como solução, Mussolini conquista a Abissínia (atual

⁸ O termo Volk desenvolveu nas línguas de raiz germânica significados como nação em desenvolvimento ou formação, ou ainda grupo cultural com características que se distingue dos demais.

Etiópia), envia tropas de apoio a Francisco Franco em Madri e faz o Pacto de Ferro, acordo de socorro mútuo de guerra com a Alemanha, que só poderia ser cumprido após a modernização da artilharia de guerra.

Em 1939, Hitler iniciou a Segunda Guerra Mundial, conflito global que envolveu todas as nações em disputas territoriais. O conflito foi gerado pela instabilidade da paz depois de 1918 e causado concretamente pela agressão de três potências descontentes e ligadas por vários tratados desde o início da década de 1930. Teve como marco inicial a invasão da Manchúria pelo Japão, em 1931; a invasão da Etiópia pela Itália, em 1935; a intervenção alemã e italiana na Guerra Civil Espanhola em 1936-39; a invasão alemã na Áustria e na Tchecoslováquia, em 1938; a ocupação italiana da Albânia, em 1939; e as exigências alemãs à Polônia (HOBSBAWM, 1995, p. 44).

Quando iniciou a Segunda Guerra, Alemanha e Itália (Forças do Eixo⁹) já haviam aproximado as relações. Duas razões foram fundamentais para esse estreitamento de laços com Hitler: desviar a atenção da população dos problemas sociais e colocar a Itália no plano internacional na busca de territórios da África. O desinteresse de França e Inglaterra (Forças Aliadas¹⁰) em conservar os laços de aproximação com a Itália favoreceu o Pacto da Amizade com a Alemanha, firmando uma aliança entre os dois países. Tal acordo definiria a posição da Itália na Segunda Guerra Mundial (TRENTO, 1986, p. 57, 58, 59).

Em 1940, quando a Itália entra na guerra, o exército estava debilitado e o *Duce*¹¹ pregava a ideia de que a guerra duraria pouco e o país não poderia ficar fora da partilha que ocorreria entre os vencedores. Entretanto, as batalhas que decidiriam a guerra se desenrolariam a partir da entrada dos Estados Unidos e da União Soviética no conflito, em 1941. A participação da Itália na guerra foi desastrosa, no entanto, a Alemanha não despreza o apoio do *Duce*. Em meio ao conflito, o país acumulava problemas internos: carestia de abastecimento no comércio, desemprego, descontentamento com o regime e, para completar, o norte do país começara a ser atingido pelos bombardeios das tropas dos Aliados. Frente a estes acontecimentos, o rei Vittorio Emanuele III, apoiado pela igreja e pela

⁹ As Forças do Eixo eram compostas por Alemanha, Itália e Japão.

¹⁰ As forças Aliadas eram compostas por Inglaterra, França, Estados Unidos, URSS e China.

¹¹ Termo usado para designar Benito Mussolini.

burguesia industrial, destituiu Mussolini e nomeia o general Badoglio como novo ministro (TRENTO, 1986, p. 68-70).

O exército foi dissolvido e a península se dividiu em duas partes: a partir de Nápoles, o sul era ocupado pelos Aliados e pelo rei; Mussolini e os alemães dominavam o centro e o norte. Hitler auxilia o *Duce*, que funda a República de Salò, que serviria apenas aos interesses das forças alemãs, que controlavam o território setentrional e enfrentavam a resistência dos *partigiano* (fig. 1-2).¹²



Figura 1 – Elsa Oliva retratada aqui com o seu grupo de guerrilheiros em Val d'Ossola (1943-945).

Fonte: Istituto Piemontese per la Storia della Resistenza e della Società Contemporanea.(Torino)



Figura 2 – Aldo Montovani com outros *artigianis*. *Intendente della 58ª Brigata Garibaldi "Oreste"*.

Fonte: Istituto Ligure per la Storia della Resistenza e dell'Età Contemporanea (Genova)

Mussolini é capturado e morto quando tentava fugir pela Suíça. A guerra terminou com a derrota das tropas do Eixo, causada por alguns fatores determinantes: o poder econômico, industrial, tecnológico e militar dos Estados Unidos; a derrota do Terceiro Reich pela URSS; e a transformação dos movimentos de resistências e movimentos políticos militares, condicionando o processo de reordenação no pós-guerra (VICENTINI, 2003, p.161-163).

¹² Denominação dos membros integrantes do movimento armado de oposição ao fascismo, à ocupação da Itália pela Alemanha nazista e à República Social Italiana – fundada por Benito Mussolini em território controlado pelas tropas alemãs durante a Segunda Guerra Mundial.

2.2 Pós-guerra e imigração

O saldo da guerra para os italianos foi a ruína da população civil, além da quebra das indústrias das cidades do norte que, privadas da produção, não conseguiam absorver a massa desempregada, nem os soldados egressos do *front*. Além do conflito mundial, a população amargou uma guerra civil de 20 meses, entre os que insistiam em salvar o *Duce* e os *partigiani* (ligados à resistência).

Para a Itália, o Plano Marshall¹³ não absorvia a mão de obra excedente e a imigração era um complemento necessário a qualquer medida econômica, por isso desistiu da ajuda oferecida pelo plano em troca da imigração subsidiada pelos Estados Unidos. A imigração era um meio de balancear a população, diminuindo o excesso de habitantes, que era considerado a causa do desemprego e da baixa renda *per capita* (LACAVA, 1999 apud FACCHINETTI, 2003, p. 45). As pessoas imigraram em busca de um lugar onde pudessem trabalhar e recomeçar a vida.

Eles cruzaram o Atlântico essencialmente por causa do país destruído, mas também pelo desmoronamento de um sonho. Criados no fascismo, sob a promessa de Benito Mussolini de um país unido, grande e forte, foram pagos com moeda falsa. Perderam a infância e parte da adolescência, passaram por muita fome. [...] Nos depoimentos é comum a lembrança de que eles tinham quatro inimigos: os fascistas, os alemães de dia, os *partigiani* e o bombardeio americano à noite. Não sabiam para que lado olhar, levavam tiros por todos os lados (FACCHINETTI, 2003, p. 93).

Em geral, os imigrantes do pós-guerra eram alfabetizados (estudaram até a quarta série do que hoje chamamos Ensino Fundamental) e qualificados, isto é, tinham aprendido algum ofício ou profissão: marceneiro, barbeiro, pedreiro, alfaiate, carpinteiro, ferramenteiro, costureira, padeiro, motorista, mecânico (de automóvel e da indústria metalúrgica), engenheiro e técnico. Vale lembrar que durante a Segunda Guerra Mundial o fluxo de imigração diminuiu consideravelmente (ver gráfico Entrada de imigrantes no Brasil). A imigração se intensificou por volta de 1950 e contou com o apoio do Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias,

¹³ Programa norte-americano destinado a recuperar as economias dos países do ocidente e sul da Europa, profundamente abalados com a Segunda Guerra Mundial. Foi anunciado em junho de 1947, num discurso na Universidade de Harvard, pelo secretário de Estado George Marshall. O objetivo dos Estados Unidos da América era criar condições às nações europeias para o estabelecimento da democracia (travando assim o avanço para o ocidente de influência soviética) e tornar dependentes dos EUA as economias da Europa. Para coordenar a implementação do programa foi criada a Organização Europeia de Cooperação Econômica.

criado em 1951 por países das Américas, da Europa e pela Austrália (FACCHINETTI, 2003, p. 46).

3 O CONTEXTO NO BRASIL (de chegada)

3.1 Brasil e Rio Grande do Sul

Entre os anos de 1890 e 1929 chegam ao Brasil em torno de um milhão e duzentos mil imigrantes, subsidiados em função da necessidade econômica cafeeira que se expandiu no oeste paulista. Entre os imigrantes destacaram-se portugueses e espanhóis, entretanto, neste período predominaram os italianos (BRITO, 1995, p. 25). Até o ano de 1929, a economia americana foi alavancada pelo setor de bens de capital¹⁴ e bens intermediários. Houve uma implementação na indústria de bens de consumo, cujo mote era o automóvel.

Com a depressão de 1930, o capitalismo passou por uma fase conturbada no cenário mundial. A emergência da União Soviética e a crise econômica provocaram o “enrijecimento das fronteiras” e as ondas nacionalistas desembocaram no fascismo (BRITO, 1995, p. 26). Países como os Estados Unidos deixaram de ser atração em virtude da onda de desemprego provocada pela grande depressão; então os países periféricos, como o Brasil, começaram a ampliar a industrialização, substituindo as importações de bens de consumo duráveis e intermediários.¹⁵

Como desenvolvimento industrial o Brasil necessitava não apenas de mão de obra, mas também de consumidores. Entretanto nos anos 20 o governo brasileiro estava alinhado com a política migratória adotada pelos Estados Unidos até 1934 que restringia a entrada de estrangeiros no país. Diante das novas possibilidades

¹⁴ Os bens de capital ou bens de produção são aqueles que permitem produzir outros bens, como, por exemplo, máquinas, computadores, equipamentos, instalações, edifícios. Disponível em: <<http://www.fontedosaber.com/?s=bens+de+capital+e+bens+de+produ%C3%A7%C3%A3o&x=0&y=0>>. Acesso em: set. 2011.

¹⁵ Bens de consumo (ou bens de consumo familiar) são os bens utilizados pelos indivíduos ou famílias. A quantidade de bens de consumo que são comercializados em cada país reflete o nível de vida da população e também permite avaliar os gostos e as características da sociedade em questão. São, portanto, os bens produzidos pelo homem e destinados ao consumo das pessoas (diferentemente dos bens intermediários, que são utilizados no processo de produção para serem transformados em bens finais, e dos bens de capitais, que são as máquinas utilizadas pelas indústrias). Os bens de consumo estão divididos em duráveis, semiduráveis e não duráveis. Os bens de consumo não duráveis são aqueles feitos para serem consumidos imediatamente (sorvetes, chocolate, etc.). Os bens de consumo duráveis são aqueles que podem ser utilizados várias vezes durante longos períodos (um automóvel, uma máquina de lavar roupas, etc.). Os semiduráveis podem ser considerados os calçados, roupas, que vão se desgastando aos poucos. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/economia/bens-de-consumo>>. Acesso em: set. 2011.

em 1934 criou-se a lei que estabelecia quotas destinadas à imigração. A cota estabelecida era anual e equivalia a 2% do total dos peninsulares fixados no país durante os últimos cinquenta anos. (CONEDERA, 2012 apud, CENI, 1975, P. 66) As cotas tinham da finalidade de promover o equilíbrio na colocação de estrangeiros em áreas produtivas, segundo interesses do país (SILVA, 1996, p.42), com esse mecanismo o estado pretendia regulamentar o fluxo migratório.

Em 1942, os alemães afundaram navios da marinha mercante, alguns estavam transportando soldados. Então o Brasil declarou guerra às nações do Eixo e organizou e enviou um corpo expedicionário que, sob o comando do general Mascarenhas de Moraes, embarcou para a Itália em 1944. Terminada a Segunda Guerra – que interrompeu os deslocamentos durante a vigência dos conflitos - a imigração peninsular recomeçou e as normas restritivas que vigoravam desde 1934 foram abolidas em 1948 liberando fluxos migratórios de outros países. (CERVO, 1974, p. 196).

No ano de 1945, Getúlio foi forçado a renunciar. O povo foi às urnas e elegeu o general Eurico Gaspar Dutra. No seu mandato, que se estendeu até 1951, o Brasil se alinhou à política externa dos Estados Unidos e fomentou a imigração criando a Companhia Brasileira de Colonização e Imigração que por meio do Acordo Emigratório ratificado em 1951. O acordo previa o fornecimento regular de pedidos de mão de obra divididos por profissão. (TRENTO, 1989, p. 412). A necessidade de trabalhadores estrangeiros para suprir a carência nos vazios produtivos do estado aparece no discurso do deputado Jacinto Rosa publicado na segunda página do Diário de notícias dia 01/07/1948.

Vargas, que na legislação trabalhista havia adotado medidas progressistas, não havia dado atenção especial ao bem-estar social, porém foi às urnas e se elegeu no final do mandato de Dutra. De volta ao governo, Vargas adotou medidas nas relações internacionais: rompeu com a União Soviética e extinguiu o Partido Comunista. Na economia, abriu o mercado brasileiro às importações dos produtos norte-americanos, o que esvaziou as reservas de moeda brasileira e impulsionou a valorização do dólar e o aumento da inflação. Posteriormente em meio a uma intensa crise política, greves e assassinatos, Getúlio se suicidou, sendo sucedido pelo vice-presidente, Café Filho.

Na década de 50, o crescimento industrial brasileiro foi relevante e o país vislumbrou a possibilidade de crescimento e liquidez financeira, inserindo-se no

capital mundial segundo o novo padrão de divisão internacional do trabalho. Assim, a economia se expandiu e o fluxo migratório aumentou, em virtude da necessidade de mão de obra especializada. Os novos fluxos migratórios não buscavam os grandes centros, mas países periféricos como o Brasil (Graf. 1).

Entretanto, foi durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) que o país viveu uma intensa expansão econômica. Houve investimento em energia, transporte, alimentação, na indústria de base e na educação. Vale lembrar que tanto na Europa como nos Estados Unidos a expansão econômica no pós-guerra gerou uma dependência do trabalhador estrangeiro, pois a população não crescia o suficiente para atender as necessidades do mercado de trabalho.

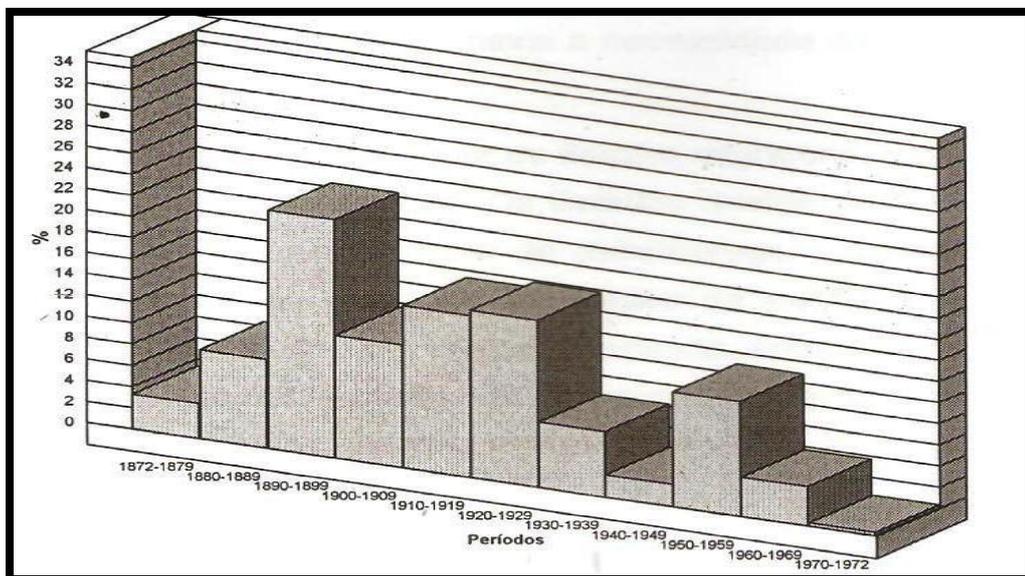


Gráfico 01 – Entrada de imigrantes no Brasil (1872-1972).

Fonte: LEVI, 1974 apud BRITO, 1995, p. 25.

3.2 Porto Alegre

Entre os anos 1940 e 1950, Porto Alegre apresentou um aumento demográfico de 122.000 habitantes, marcando sua transição de cidade para metrópole (SILVA, 1996, f. 53, 54) para 394.151 habitantes (MONTEIRO, 2005, 375). A modernidade já se manifestava através das novas obras aceleradas. Abriam-se novas avenidas que ligariam os bairros ao centro, surgiram os primeiros

conjuntos residenciais, como o IAPI¹⁶(fig. 3) juntamente primeiras favelas que abrigavam tanto o homem proveniente do interior do estado, quanto as camadas populares que habitavam os cortiços¹⁷ no centro da capital.



Figura 3 Vila IAPI

Fonte < <http://www.facebook.com/pages/Nossa-Porto-Alegre/218265241634401>>

O desenvolvimento industrial se reflete no campo com o início da mecanização da lavoura, a esperança de uma vida melhor e o ciclo de desenvolvimento gerado a partir da II Guerra Mundial provocam uma onda migratória constante das camadas mais pobres em direção a capital. Isto porque com o início da Segunda Guerra Mundial, Porto Alegre esteve restringida à importação de bens de consumo, o que favoreceu o surgimento de novas indústrias na cidade (SILVA, 1996, p. 54). Em decorrência disso, a capital se tornou o maior núcleo industrial do Rio Grande do Sul, atraindo grande número de operários (SINGER, 1968, p. 162). Esses operários eram pessoas provenientes do interior do estado e também de imigrantes de várias nacionalidades.

¹⁶ Conjunto Habitacional do Passo d'Areia, também conhecido como Vila dos Industriários – hoje informalmente chamado de IAPI, em alusão ao antigo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários. Construído entre 1946 e 1952, destinava-se aos trabalhadores da indústria e foi considerado um dos projetos mais modernos da época. Na época a obra compreendia: 2500 moradias; 31 lojas comerciais; 12 grupos de escritórios; 1 largo para mercado público; 1 estação de tratamento de esgotos; 15 km de ruas pavimentadas; 46,5 km de redes de água e esgotos; 1 cinema; 1 campo esportivo; 1 sede esportiva; 1 agência IAPI; 1 grupo escolar para 1000 alunos; 11 praças; 2 jardins; 2 parques infantis; 3 postos de distribuição de leite. <http://trinity.ritterdosreis.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl8/003.xis&cipar=phl8.cip&bool=exp&opc=decorado&exp=IAPI&code=&lang>

¹⁷ Casa grande com muitos cômodos os quais eram alugados por várias famílias de baixa renda, em geral ocupavam o centro do quarteirão e possuíam acesso por um pequeno corredor.

Os imigrantes desembarcavam no Rio de Janeiro ou em Santos e dali eram deslocados para outras cidades brasileiras. Porto Alegre foi o destino de 20% dos imigrantes que chegaram ao Brasil entre 1953 e 1958 (JUNIOR, 1964, p. 310-311). Em Porto Alegre os imigrantes encontraram um cenário propício, pois havia necessidade no mercado de mão de obra qualificada ou não. A oferta de trabalho atraiu imigrantes estrangeiros de todas as nacionalidades. Com o desenvolvimento da cidade, houve a ampliação das estradas, o aterramento do Guaíba (Fig. 3a-4), a corrida imobiliária e, consecutivamente, o crescimento imobiliário. Os imigrantes inicialmente se estabeleciam no Centro, na Cidade Baixa e no 4º Distrito; com o passar dos anos foram adquirindo imóveis e se estabelecendo em outras regiões, como a Zona Sul, Partenon, e cidades do interior, como Canoas e Novo Hamburgo, fora do eixo inicial, conforme se verificará nos depoimentos das mulheres imigrantes.



Figura 3a Vista aérea de Porto Alegre (1950)



Figura 4 Vista parcial de Porto Alegre

(1950).

Fonte: Fig. 3a <<http://www.portoimagem.com/fotosantigas/antiga112.html>>

Fonte: Fig. 4 <<http://www.portoimagem.com/fotosantigas/antiga107.html>>

A capital gaúcha passava por um período de crescimento urbano acelerado em virtude da ampliação do número de indústrias nos bairros Navegantes e São João. O acesso à região ocorria através de uma rede de transportes que ligava longos e médios trajetos através de rios, trem e aviões. O aumento populacional criou condições para o crescimento funcional urbano, descentralizando a economia do comércio, pois os bairros operários passaram a reunir comércio, indústrias e

moradias. Nestes, desenvolvem-se todas as atividades sociais das quais necessitam os contingentes trabalhadores (SILVA, 1996, p. 57).

A modernização afastou as residências do centro da cidade e a capital que concentrou na zona periférica os bolsões de pobreza com suas construções de madeira. Eram casas populares que surgiam tanto como resultado do êxodo rural como também das políticas públicas de reformulação do espaço urbano. As classes pobres, que em geral habitavam os cortiços (fig. 4a), deixavam o centro e mudavam para os bairros São João, Navegantes, Partenon e Azenha, mais tarde mudavam também para as vilas Ipiranga e Floresta. As favelas surgiram pouco depois, e já em 1951, segundo dados da Secretaria Municipal de planejamento, havia 3.965 barracos em 41 vilas populares (fig. 4b), (JARDIM, 2004, apud, COSTA,1997, 50)



**Figura 4a Cortiço da Galeria Caldwell
Bairro Menino Deus**



**Figura 4b Vila São José – 1956
Conhecido como Morro da Cruz**

Fonte Fig 4a <<http://fotos.sa.po.pt/jaimemuller/fotos/?uid=VtDuyyyZ9QTA2G8Fw7S8>>

Fonte Fig 4b

<http://fotosantigas.prati.com.br/fotosantigas/PortoAlegre/Porto_Alegre_Bairro_Partendon_Vila_S%25C3%25A3o_Jos%25C3%25A9_1956.htm&docid=oXMe49jDEwp1WM&imgurl=http>

O desenvolvimento do período também se manifestava através do crescimento das cidades vizinhas como Canoas, Esteio, Sapucaia e São Leopoldo interligadas à Zona Industrial dos Bairros São João Navegantes através da Br 116 e do outro lado Cachoeirinha, Viamão e Gravataí que diretamente ligadas à Porto Alegre tornam-se cidades dormitório. A capital ainda refletia a influencia do modo de vida americano com a proliferação de espaços de lazer como boates, cabarés e cinemas. Novos hábitos eram fomentados pela propaganda dos jornais que divulgava produtos. A propaganda abrangia desde protodutos alimentícios,

aparelhos de rádio até eletrodomésticos. Disseminou o uso de algumas marcas como Kolinos, Quaquer e Coca-cola alavancando a publicidade e confirmando a presença americana na capital gaúcha.(JARDIM, 1997, p. 50,51).

4 MULHERES IMIGRANTES: TRÂNSITIO

4.1 Mulheres italianas

Foram coletados depoimentos de dez mulheres italianas. Destes, foram selecionados quatro: dois de mulheres provenientes do norte e dois de mulheres do sul da Itália. Pertinente foi também o tratamento dispensado aos depoentes, pois, segundo Constantino (2006), “somente aqueles que criam ou fazem alguma coisa, podem entendê-la melhor do que os observadores, porque os homens constroem sua própria história” (VICO, 1994 apud, idem, 2006, p. 69). Dona Francesca sinaliza em seu depoimento como através do seu trabalho foi conquistando seu espaço e escrevendo sua história:

[...] eu queria era entrar no magistério, pois eu afinal era professora! E também o meu marido sozinho não dava conta. Porque lá no Guarujá nós compramos um terreno e tínhamos de construir a casa. E com que dinheiro? Era com o dinheiro que ele ganhava lecionando na escola. Então, se eu trabalhasse teríamos mais dinheiro. (Ducceschi, 2010, f. 12). [...] tempos depois, aqui em Porto Alegre me formei em pedagogia e me aposentei como supervisora educacional. É me terminei trabalhando como professora e como supervisora educacional. Enquanto meu marido fez psicologia, ele teve seu consultório, mas depois foi professor na PUCRS. (Ducceschi, 2010, f. 14)

Nesse sentido, as depoentes são pessoas que indicam caminhos para conhecer o todo, porque seus relatos possibilitam a partir do micro conhecer o macro. São relatos permeados pela subjetividade e pela abstração. A escolha dos testemunhos ocorreu em função das diferenças regionais existentes nos lugares de partida, que influenciaram as percepções nos locais de chegada, no caso a cidade de Porto Alegre, pois “um testemunho é a soma de todas as afirmações de um informante a respeito de um mesmo assunto” (VANSINA, 1966, p. 26).

Com o passar do tempo as afirmações da fala se modificam e se contradizem. Quem trabalha com fontes orais tem vivência para saber que as narrativas possuem um alto grau de mutação e instabilidade. A instabilidade se

insinua em Iole quando ela relata acontecimentos relacionados a guerra “ [...]vinham os alemães, não gosto de falar estas coisas porque hoje tudo é paz todos são iguais., tem muita gente de má fé... Não falo porque tem muito alemão aqui em Porto Alegre. (TREDICE, 2010, f. 6)

As afirmações ganham novos significados à medida que o indivíduo sofre influências do sujeito que está sempre em processo de desenvolvimento, do interlocutor e do meio ambiente (PORTELLI, 2010, p. 72). As mutações e instabilidades se apresentam cristalinas na fala de Dalva quando a se auto define ou explica a escolha do nome dos filhos, “O primeiro filho chama-se Pier Giovanni, que eu fiz uma homenagem ao meu sogro e ao meu pai. O segundo é Ítalo, que eu quis homenagear a minha pátria, a Itália” (CASSARÁ, 2010 f. 06), ou ainda quando descreve a chegada em Porto Alegre:

E foi muito bonita a chegada e a impressão de Porto Alegre, o porto era muito lindo. Agora está abandonado, *mas nessa época*, ainda os navios vinham e voltavam (Idem, Ibidem). [...] E não sei se é por causa dos festejos farroupilhas que eu vi naquele dia, aquele movimento, sei que eu me tornei uma gaúcha. Uma gaúcha e tanto! E o pago gaúcho assim, para mim, é muito interessante e muito caro, está no meu coração. (Idem, ibidem).

As imigrantes italianas que guardam na memória fragmentos do passado e, como tal, a memória pode ser compreendida sob dois aspectos: “no plural, que compreende as narrações de quem vivenciou processos socioculturais; no singular, que consiste na capacidade de reter fatos, ideias, impressões e retransmiti-las através de diferentes suportes, como a escrita ou a voz” (CONSTANTINO, 2006, p. 70). As depoentes acumulam na memória lembranças de experiências e pontos de vista impressos em suas falas que são decorrentes da experiência cotidiana. Francesca e Dalva são provenientes do sul e Valéria e Iole do norte da Itália (Fig. 5).

A diferença cultural se apresenta no estranhamento que alguns hábitos cotidianos causaram em Valéria, segundo seu relato: “[...] Era outro estilo de vida que víamos. Quando eu ia comprar carne faziam pacote com papel jornal. [...] mas a gente tem que se sujeitar aos hábitos diferentes dos nossos, não adianta é outro mundo. (PASKULIN, 2002, f.5). De acordo com Halbwachs (2004, p. 55), “Este olhar deve ser analisado, considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios”.



Figura 5 – Locais de partida na Itália.

Fonte: <www.mapsofworld.com/italy/>.

Além disso, ouvi-las significa recompor o que presenciaram ao longo de suas vidas, isto é, processos histórico-culturais que só vêm à tona quando evocam lembranças do passado. Portanto, o relato das lembranças dessas mulheres é indiciário de uma história da imigração; neste sentido, para Ginzburg (1989, p. 151), o paradigma indiciário “se traduz em um ‘tipo venatório’ caracterizado pela capacidade de, a partir de dados aparentemente irrelevantes, descrever uma realidade complexa que não seria cientificamente experimentável”. Quanto ao indício, vale lembrar que “o indivíduo, por ser representativo, pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um extrato social inteiro num determinado período histórico”¹⁸ (GINZBURG, 2006, p. 20).

¹⁸ As entrevistas, transcrições e imagens fazem parte do acervo e estão disponibilizadas no Centro de Pesquisa e História Oral (CPHO) da PUCRS.

* O material resultante dos referidos depoimentos encontram-se depositados no Laboratório de Pesquisa em História Oral, no prédio do PPGH (Programa de Pós-Graduação em História) na PUCRS, em Porto Alegre.

Esse princípio justifica a produção e a divulgação de fontes para estudos a partir de seus depoimentos, sejam sonoros, escritos ou visuais,¹⁹ como forma de preencher a existência de lacunas bibliográficas. Quatro mulheres foram ouvidas. Vozes e histórias distintas e distintas motivações para a partida da terra onde nasceram. Algumas perdas, muitas lágrimas e sorrisos pautaram as suas trajetórias. Duas procedem do norte da Itália, onde floresceu uma sociedade urbana e industrial, e outras duas do sul, onde permaneceu uma economia rural, com concentração fundiária e exploração dos camponeses.

Então, a fim de desenvolver a pesquisa, buscou-se conhecer as suas experiências, destacando alguns indícios nos seus depoimentos. Nesta direção, foi produzido um documento sonoro e escrito em que consta a fala de Francesca, de Iole, de Dalva e de Valéria.* Vale salientar que, devido à escassez documental sobre as mulheres imigrantes – antes, durante e após a Segunda Guerra Mundial –, somente por meio da oralidade é possível conhecer as vivências e os contextos das mulheres estrangeiras na cidade de Porto Alegre. De acordo com Núncia Santoro de Constantino, “as experiências das mulheres estrangeiras são preciosas quando compreendidas como diferentes formas de viver e construir a nossa realidade, além de alcançar elementos para o conhecimento de contextos deixados para trás” (CONSTANTINO, 2007, p. 02).

As mulheres em questão são integrantes do grupo de imigrantes não subsidiadas que vieram para o Brasil depois da Segunda Guerra Mundial. Quanto às mulheres estrangeiras no processo migratório, Núncia de Constantino afirma que, para “entender o fenômeno migratório, é fundamental que se considerem as relações sociais de gênero e o papel das mulheres no processo de imigração” (idem, *ibidem*). Por outro lado, o referido fenômeno pressupõe mobilidades que abrangem características e que, segundo Osvaldo Truzzi, podem ser classificadas como:

locais: quando o indivíduo se desloca de um mercado (seja este de trabalho, de terras, seja este matrimonial) geograficamente contíguo, que normalmente já lhe é familiar; b) circulares: quando o indivíduo se desloca de um mercado por um determinado intervalo de tempo definido, ao cabo do qual retorna a sua origem; c) de carreira: em que o indivíduo se desloca respondendo a oportunidades de ocupação de postos oferecidos por uma organização a que pertence ou associados a uma profissão que já exerce; d) em cadeia: que envolve o deslocamento de indivíduos motivados por

¹⁹ As entrevistas, transcrições e imagens fazem parte do acervo e estão disponibilizadas no Centro de Pesquisa e História Oral (CPHO) da PUCRS.

uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino (TILLY, 1978 apud TRUZZI, 2008, p. 200).

Neste sentido, as mobilidades ao longo da vida de cada uma delas abrangem as classificações citadas, sejam elas locais, circulares, de carreira e em cadeia. As mulheres propuseram-se a efetuar uma mudança, em geral carregaram poucos pertences para a viagem – algumas fotografias e recordações do passado – e deixaram a terra natal para trás. Elas vieram desacompanhadas ou com a família; algumas foram precursoras, como Lydia Moschetti,²⁰ outras mantiveram-se anônimas²¹ em suas experiências de vida. As suas trajetórias foram ocultadas no silêncio das vozes, nos espaços da sociedade e, principalmente, no esquecimento dos que escreveram a história (MONTENEGRO, 2003, p. 27), pois:

Sabe-se que as pessoas que constituem a maior parte da sociedade não conseguem exprimir a si mesmas, não conseguem acrescentar sua voz à História. Milhares de mulheres imigrantes transitam nos vãos e subterrâneos das cidades, desconhecidas e até mesmo desconsideradas, muitas vezes elas próprias alienadas, inconscientes do valor do papel que desempenham como imigrantes, pois processos de imigração sempre foram e ainda são considerados prioritariamente um assunto de homens (CONSTANTINO, 2007, f. 03).

A cidade de Porto Alegre foi o destino e o cenário em que se desenrolou a trama cotidiana dessas quatro mulheres entrevistadas; contudo, a cidade, com suas casas, janelas e ruas, permanece calada e somente se conhecerá sobre as trajetórias de vida dessas pessoas ouvindo e registrando as suas vozes. Os seus relatos devem possibilitar a identificação das causas da partida de seus locais de origem, as razões pelas quais elas vieram para Porto Alegre, as primeiras impressões formuladas sobre o novo espaço urbano e quando finalmente se sentiram parte da cidade, pois “a cidade é o corpo onde se inscrevem emoções e paixões, experiências intransmissíveis e singulares [...] cidade é cristalização de tensões: passagem de um espaço flutuante entre o interior e o exterior das passagens, o real e o irreal” (MATOS, 1989 apud MONTENEGRO, 2003, p. 27).

²⁰ Lydia Moschetti, natural de Fucecchio, província de Florença, imigrou para o Brasil aos 17 anos, em 1907. Foi professora de italiano, atuou no teatro como soprano. Casou-se com o engenheiro italiano Luiz Moschetti. Envolveu-se em campanhas beneficentes. Criou creches, orfanatos e o Instituto Santa Luzia para cegos, hoje Hospital Banco de Olhos. Além de benemérita, era uma intelectual, escreveu cinco romances, quatro livros de poesia e alguns ensaios. Para saber mais, consultar: MOSCHETTI, Lydia. Autobiografia. Porto Alegre: Ediplat, 2008.

²¹ Entre estas podemos citar Epifania di Frazio, Vicenza Nani e Maria Mancuso. Seus depoimentos estão depositados no Laboratório de História Oral da PUCRS.

Por outro lado, as histórias contadas permitem evidenciar quais foram os desafios enfrentados por elas ao se defrontarem com uma cultura desconhecida. Na subjetividade de cada narrativa vislumbra-se a inserção social de cada mulher no novo espaço, o que foi deixado para trás, o que foi encontrado e o que foi experimentado por cada uma delas, visto que “o narrador diz de um mundo que ele construiu com cacos que restaram do passado” (RICOEUR, 1991 apud PENA, 2006, p. 104). Neste sentido, a inserção ocorrerá na medida em que se aglutinarem as experiências que antecederam a partida com aquelas incorporadas e apreendidas ao longo do tempo. Além das convergências culturais, os seus relatos reproduzem as influências de grupos sociais para a construção da identidade e do sentido de pertencimento que inicia no começo da viagem.

A viagem das mulheres e das demais pessoas que fizeram um grande percurso compreende um “processo migratório que se caracteriza por relações sociais entre os migrantes e não migrantes, que envolvem relacionamentos, ações e estratégias de poder, interagindo grupos, pessoas e instituições em distintos espaços e tempos” (CARLEIAL, 2004, p. 01). Neste aspecto, a “migração pode ser entendida, também, como fluxos conectados de recursos humanos materiais e de bens culturais” (idem, ibidem). Adotada tal perspectiva, a imigração de homens e mulheres de outros países tornou-se viável em função da consolidação de redes de relações sociais preestabelecidas.

4.2 Francesca Coniglio Ducceschi

Francesca Ducceschi nasceu no ano de 1920, em Palermo, na ilha da Sicília, Itália. Cresceu em uma família de tradição militar e vivenciou um período intenso de conflitos. Teve a infância marcada pelas ideias fascistas* de Mussolini, já que o seu pai integrou a Milícia Voluntária da Segurança Nacional.** Em consequência da

* Ver: SASSOON, Donald. **Mussolini e a ascensão do Fascismo**. Trad. de Clovis Marques. São Paulo: Agir, 2009. 200 p. O referido texto constitui-se como exemplo de excelente síntese de História Política sobre a elevação do fascismo a regime político na Itália, berço do movimento.

** A Milícia Voluntária para a Segurança Nacional foi um grupo paramilitar da Itália fascista que mais tarde se tornou uma organização militar. Devido à cor de seu uniforme, os seus membros ficaram conhecidos como “camisas negras”. Os fundadores da milícia foram intelectuais nacionalistas, jovens latifundiários que se opunham aos sindicatos de trabalhadores e camponeses do meio rural, ex-oficiais militares, membros especiais dos *Ardit* – denominação que deriva do verbo *ardire* (ousar), e se traduz como “os mais ousados”. Não eram

atividade paterna durante a infância e a juventude realizou mudanças constantes de residência.



Figura 6 – Francesca C. Ducceschi

Fonte: DUCCESCHI, 2010.



Figura 6a – Francesca C. Ducceschi

Fonte: Laboratório de Pesq. em História Oral da

PUCRS

No ano de 1925, Francesca (Fig. 6-6a) foi com a família morar na Líbia, quando houve a retomada do território pelo governo italiano. A família residiu nas localidades de Trípoli,^{***} Azizia (Fig. 7, p. 35) e Iefren, em um período de sete anos. Foi nesta época que Francesca iniciou os seus primeiros estudos com o pai e em escolas ítalo-árabes; nos intervalos das atividades escolares e da casa, praticava técnicas de recitação com os soldados comandados pelo pai. Concluiu os estudos fundamentais na Itália e diplomou-se no Instituto de Arte de Palermo.

soldados da Infantaria, mas foram considerados uma força independente de combate. Seus integrantes eram simpatizantes do Anarquismo, do Comunismo e do Socialismo.

^{***} Região ocupada pela Itália entre 1912 e 1941.



Figura 7 – Exercícios militares em Azzizia.

Em destaque o irmão de Francesca, Pippo, com três anos.

Fonte: DUCCESQUI, 2010, p. 20.

Entre 1940 e 1945 sua família foi para Bolonha. Francesca frequentou o Magistério d'Arte de Florença, especializou-se em afrescos e conheceu Ermano Ducceschi, colega de estudos, nascido na província de Pistoia, na Toscana. Com o avanço das tropas aliadas sobre Florença, fugiram para Le Piastre, província de Pistoia. Tempos depois, a retirada dos alemães para o norte provocou o retorno dos dois para Florença; casaram-se neste mesmo período (Fig. 8, p.36). Após a guerra, em 1946, nasceu o filho Giovanni. Ao mesmo tempo, os conflitos acirrados entre fascistas e comunistas persistiam, gerando insegurança no casal.

Ermano, traumatizado pela guerra, resolveu buscar uma vida melhor para a família. Deixou Francesca e o filho aos cuidados dos pais e embarcou para o Brasil; na bagagem, trazia alguns trocados e seus quadros para serem vendidos. Inicialmente se instalou e expôs as suas obras no Rio de Janeiro; como não se adaptava ao calor, mudou-se para São Paulo, onde também estranhou o clima úmido. Aconselhado por conhecidos, veio para Porto Alegre: daqui, viajava frequentemente para a Argentina e para o Uruguai, participando de exposições de arte.*

* Para conhecer a trajetória do esposo de Francesca, ver: DUCCESCHI, Francesca Coniglio. **O catavento da vida**. Porto Alegre: PROSAPIENS, 2010.



Figura 8 – Casamento de Francesca e Ermano.

Fonte: DUCCESCHI, 2010, p. 56.

Passados dois anos, Ermano enviou dinheiro para a vinda da família. Francesca e o filho partiram de navio de Gênova para o Rio de Janeiro; (Fig. 8a) do Rio até Porto Alegre vieram de avião.



Figura 8a - Francesca e o filho Giovanni em exercícios de salvamento

Fonte: DUCCESCHI, 2010, p. 98.

Foram residir na Avenida Praia de Belas em frente ao estádio Beira-Rio. Francesca começou a trabalhar pintando e vendendo pequenos quadros; ensinava bordado e pintura e também lecionava italiano. Com a renda dos quadros, compraram um sítio na cidade de Viamão, local onde nasceu a sua filha Iara. Em virtude da falta de conhecimento em produção rural, começaram a ter prejuízos financeiros. Decidiram vender a propriedade e voltar para Porto Alegre. Quando retornaram à capital, instalaram-se no Guarujá, onde construíram a sua casa. Para

umentar a renda familiar, Francesca assumiu um contrato com o governo do estado e passou a lecionar Geometria e Desenho Artístico na cidade de Rio Pardo, onde exerceu o magistério por dois anos.

Por causa da distância, Francesca ficava em Rio Pardo de segunda a sexta-feira, enquanto o marido se dividia entre o trabalho e o cuidado com os filhos, auxiliado pelos vizinhos. Incomodada com essa situação e preocupada com o bem-estar das crianças, solicitou permissão para que estes frequentassem a mesma escola em que lecionava no que foi atendida prontamente. Entretanto, a remuneração mensal não cobria as despesas mensais de idas e vindas entre Porto Alegre e Rio Pardo, motivo que a fez optar pelo seu desligamento das aulas. (Fig. 9)



Figura 9 – Encontro anual de Francesca com ex-alunas em Rio Pardo.

Fonte: Acervo do Laboratório de Pesquisa em História Oral.

Habilitada no curso de Assistência Social Hospitalar, na PUCRS, solicitou vaga para trabalhar na Santa Casa de Misericórdia. Durante três meses desenvolveu trabalho de laborterapia com os doentes, o que rendeu matéria em jornais e o convite da Secretaria de Educação para retornar ao quadro funcional do Estado. Revalidou os títulos no Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul. Formou-se em Pedagogia e aposentou-se como supervisora educacional. Atualmente ministra curso de italiano e aulas de cerâmica em sua residência.

No depoimento de Francesca Ducceschi, além da característica migratória constante, podem-se encontrar intercâmbios culturais sublinhados pelas relações de poder e dominação implícitas em seu discurso:

O meu pai estava na Sicília. Ele era oficial de carreira, por isso, quando eu tinha cinco anos, saímos de Palermo. Fomos para Líbia, quer dizer, Trípoli, que era a capital e estava tomada por rebeldes. Bem, na verdade, eram rebeldes para nós, porque na verdade eles eram patriotas lutando pela terra deles, só que naquele tempo a Líbia era colônia nossa. Era um país que a Itália havia dominado (DUCCESCHI, 2010, op. cit., f. 2).

Posicionando-se a respeito da defesa do território italiano, Francesca manifesta-se sobre a dominação italiana na Líbia. Nesta passagem, estabelece subjetivamente sua interpretação dos fatos históricos vividos. Mais adiante, em outro episódio narrado em seu depoimento, aponta para outras formas de relação de poder entre gênero e trabalho:

Acontece que meu marido havia feito uma exposição de arte, e daí um senhor judeu veio procurar o meu marido em casa, porque queria que ele (o marido) pintasse uns quadrinhos para que pudesse vender nas casas. E eu lhe respondi, falando mal porque eu não falava ainda bem o português e com a ajuda de uma vizinha, mas que também não entendia muito de italiano, mas eu lhe disse que eu também, como tinha feito o Instituto de Belas Artes, poderia pintar, e não me importaria que vendesse os quadrinhos de casa em casa, mas eu lhe disse que meu marido não iria se prestar a fazer quadrinhos para se vender nas portas de casa em casa. E assim comecei a pintar. Então escrevi para o meu marido contando a história, então ele ficou impressionado: “mas como?! (ele pensou), minha mulher mal sabe falar o português... E como é esta história de pintar quadrinho para um judeu?” E assim voltou logo (ibid., f. 4).

Mesmo tendo estudado junto com o marido, o que já a qualificava como detentora de igual saber, a sua fala afirma a superioridade masculina, tanto na arte como no espaço da casa. Essa noção de inferioridade ou de submissão da mulher corresponde aos modelos estabelecidos pelos papéis sociais que estão “incluídos nos costumes de uma comunidade e que são transmitidos pelos velhos aos jovens por um processo de formação educacional e imitativa” (CUVILLIER, 1975. p. 65). De fato, foi a formação educacional que viabilizou o trânsito de Francesca na elite econômica, conforme ela conta: “Logo que cheguei comecei a lecionar italiano. Minha primeira aluna foi a Beatriz Oderich, da família proprietária da fábrica de salsichas. Porque ela era nora da senhora Cira Petini e do engenheiro Petini. O senhor Angelo Petini era engenheiro e trabalhou no Hospital Beneficência Portuguesa” (DUCCESCHI, 2010b, op. cit., f. 10).

Por outro lado, a qualificação acadêmica e as relações sociais certificaram a inserção de Francesca no círculo social da elite letrada porto-alegrense, como refere a seguinte passagem:

Mas eu lhe disse: que eu também como tinha feito o Instituto de Belas Artes em Florença e poderia pintar (ibid., f. 4). [...] E um dia encontrei uma amiga que morava em Ipanema, Maria Dunca, o marido era professor da faculdade, ele era advogado. Convidava as minhas amigas, que vinham até minha casa, até chegou uma vez a convidar o doutor Moyses Velinho. Ele era muito amigo do meu compadre e foi no batizado da minha filha (ibid., f. 9).

Já o contínuo aperfeiçoamento, tanto na área das Artes como na Educação e na Assistência Social, auxiliaram na construção do sentido de pertencimento à sociedade porto-alegrense, fundamentando a construção de sua identidade. Prova disso são as passagens a seguir:

Porque eu já era professora de Artes e quando cheguei aqui queria poder lecionar e me enviaram para lecionar em Rio Pardo. [...] Lembro que à noite tinha de estudar a matéria que eu lecionava em português, porque sabia em italiano. [...] Então, a minha preocupação à noite era estudar para preparar bem, em português, a aula do dia seguinte. Eu escrevia em português da minha maneira, para me fazer entender (ibid., p. 10).

Aqui, quando revalidei os meus títulos no Instituto de Belas Artes, tive de fazer prova de afresco. Porque eu sou formada apenas em afresco. Eu fiz um afresco em um apartamento que construíram aqui em Porto Alegre. [...] coloquei lá o meu nome. Até porque seguia origem do nome do meu marido! Que é de origem etrusca. Então coloquei o nome de Etruria (Fig. 10) (DUCCESCHI, 2010, op. cit., f. 10).



Figura 10 – Afresco Etruria.

Fonte: Acervo do Laboratório de Pesquisa em História Oral.*

* O afresco está localizada na parede de edifício sito na Rua Marcelo da Gama, 594, Porto Alegre.

Eu, tendo o diploma de Assistente Social, fui até a PUC e perguntei se poderiam me encaminhar para trabalhar na Santa Casa. E lá na Santa Casa me pegaram como assistente social, mas eu digo a verdade eu fiz *assistenza sociale ospedaliero* (idem, ibidem).

Os oficiais foram mandados de volta para casa. O meu pai teve de resolver os problemas da nossa família, então ele e a minha irmã montaram uma fábrica de bonecas internacionais. [...] Por isso eu também ensinei isso (referindo-se às atividades desenvolvidas) para os doentes da Santa Casa. Tanto que saiu uma matéria sobre isso que coloquei também no livro. Esta entrevista que fala dos trabalhos que fiz lá nestes três meses que trabalhei na Santa Casa (idem, ibidem).

O trabalho de laborterapia aplicado na Santa Casa repercutiu positivamente na mídia gaúcha. Em consequência disso, Francesca foi convidada a retomar a sua atividade educacional no Estado, ao que ela acedeu, conforme as suas palavras:

Eu disse que aquele era um momento bom para lecionar cerâmica na escola de surdos. Então deixei a Santa Casa para trabalhar no Estado novamente. Mas somente depois que revalidei os meus títulos. Até porque, quando revalidei os meus títulos aqui no Instituto de Belas Artes, tive de fazer prova de afresco. Porque eu sou formada apenas em afresco. [...] Depois, aqui em Porto Alegre, ainda me formei em Pedagogia e me aposentei como supervisora educacional (DUCCESCHI, 2010, f. 13-14).

Na trajetória como imigrante e na adaptação, ocorreu uma crescente construção de relações de amizade, o que proporcionou suporte afetivo para Francesca. Nesta perspectiva, Bidard afirma que:

A amizade, por mais que seja uma relação social, porta um conteúdo social. Por meio da amizade, os indivíduos podem reconhecer as diferenças, aprendem a se situar, afiliar-se, a negociar seu lugar na sociedade. As relações pessoais constituem um intermediário entre o indivíduo e a sociedade. A amizade constrói pontos de ligação entre grupos sociais. Ela contém tudo que podemos qualificar como vínculo social (BIDARD, 1997 apud CLEMENTE, 2009, p. 09).

As relações de amizade de Francesca inicialmente foram marcadas pela multiplicidade étnica existente no espaço urbano de Porto Alegre. A afirmação de Charles Monteiro corrobora isso: “A sociedade porto-alegrense vem se formando ao longo dos últimos três séculos pelo amálgama de uma série de movimentos migratórios que criaram tensões, disputas e novos arranjos entre os grupos urbanos e no interior das elites” (MONTEIRO, 2006, p. 23).

Essa afirmação é reforçada no depoimento de Francesca, quando ela descreve detalhadamente as pessoas que residiam no mesmo terreno em que passou a residir quando chegou a Porto Alegre, na Av. Praia de Belas:

No terreno pertencente a Walter Guingue e da irmã, havia como moradores: uma senhora polaca que se chamava Madame Lisa; uma senhora fugida da Rússia no tempo da Revolução Russa; uma família alemã, que morava em cima da casa da dona do lugar. E nós, italianos. Todos que ali moravam eram estrangeiros de vários lugares, logo ali se falava todo tipo de língua. Tomávamos amizade, nos reuníamos no Natal, elas me ajudaram para ir comprar as coisas na venda, porque não sabia falar o português (DUCCESCHI, 2010b, op. cit., f. 4).

É possível, em sua fala, perceber “o outro” no mesmo espaço. Francesca ressalta no outro as diferenças existentes. A partir destas relações ela construirá sua identidade de italiana e algumas dessas amizades caracterizam-se por laços de longa duração e perpassam o tempo e o espaço, visto que:

Cada pessoa traz uma herança cultural significativa, experiências e práticas, valores, características e formação específica para o exercício de suas funções e para o viver de sua própria existência, e isso determina a comunicação que trava no seu cotidiano, em todos os níveis e dimensões. Estamos falando de relações que se dão entre sujeitos que decidem construir contextos e processos de aproximação, de conhecimento recíproco e de interação. Relações que produzem mudanças em cada indivíduo, favorecendo a consciência de si e reforçando a própria identidade. Sobretudo, (que) promovem mudanças estruturais nas relações entre grupos. Estereótipos e preconceitos – legitimadores de relações de sujeição ou de exclusão – são questionados, e até mesmo superados, na medida em que sujeitos diferentes se reconhecem a partir de seus contextos, de suas histórias e de suas opções* (ANTUNES; PADILHA, 2010 apud FLEURI, 2004, p. 02).

4.3 Dalva Di Martino Cassará

Ao sul da península, Dalva Di Martino deixou a terra natal quando tinha 14 anos, em setembro de 1950, partiu para o Brasil no dia dos festejos de São Roque, em companhia da mãe e das irmãs. Comedida nos gestos e moderada na fala, não consegue disfarçar a emoção ao lembrar o passado. Suas origens estão assentadas na região da Calábria, em Morano Calabro, na província de Cosenza. A região passara, até 1940, por um processo de imigração em massa, decorrente das dificuldades econômicas e sociais que duraram mais de 40 anos e estagnaram durante a guerra. A explicação para as origens dessa crise, que atingiu principalmente a região sul da Itália, encontra-se na questão da unificação e na

* Texto produzido para o V Seminário Nacional de Educação “Utopias Humanas: sonhos! Liberdade, inclusão e emancipação. Por que não?” para apresentação em 21.05.2004 em Caxias do Sul/RS.

política para implantar um mercado nacional que desfavorecia a região em que predominava a manufatura artesanal (CONSTANTINO, 1996, p. 61).²²

Na mesma época em que a família de Martino mudou-se para Porto Alegre, uma nova fase de reforço dos fluxos migratórios consolidara-se pelas redes sociais entre imigrantes e não imigrantes, decorrentes dos efeitos pós-guerra e da política de unificação do território. Nesta etapa, a imigração majoritária era de trabalhadores calabreses e familiares destinados aos centros urbanos brasileiros. Entretanto, observa-se a existência de registros datados de 1908 que certificam número variado de imigrantes nos núcleos urbanos do Rio Grande do Sul. Os documentos demonstram o predomínio dos imigrantes calabreses no espaço porto-alegrense, os quais desempenhavam profissões diversificadas na cidade, sobressaindo-se no desenvolvimento de atividades comerciais (idem, p. 57).

Vir para a América era uma coisa normal. Não era só a minha mãe que estava longe do marido. [...] Muita gente vivia a mesma situação que a minha mãe. [...] Primeiro veio a minha mãe, com duas filhas. Tinha uma irmã casada com um filho que o meu pai trouxe primeiro porque estava desempregado. Depois veio a mãe dele, minha irmã que era casada (CASSARÁ, 2010, f. 6).

A capital gaúcha já mostrava sinais de modificações propiciadas pelo afluxo cultural resultante dos intercâmbios entre grupos humanos oriundos de várias partes do mundo. Eles vieram atraídos pelo seu crescimento urbano e oportunidades econômicas que a cidade oferecia em virtude do processo acelerado de industrialização (idem, p. 58). Foi visando melhores condições de vida que a família de Martino embarcou para a capital gaúcha. Dalva (fig. 11) era adolescente e trouxe consigo uma carga imaginária sobre Porto Alegre.

²² Para conhecer mais detalhes sobre a crise consultar: CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Italianos na cidade: Porto Alegre entre 1850 e 1914. In: BÓ, Juventino dal; IOTTI, Luíza Horn; MACHADO, Maria Beatriz (Orgs.). **Imigração Italiana e estudos ítalo-brasileiros**. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.



Figura 11 – Dalva Di Martino Cassará.

Fonte: Acervo do Laboratório de Pesquisa em História Oral.

Essa carga foi concebida mentalmente por meio das cartas remetidas pelo pai, que já trabalhava como comerciante na cidade. Seu pai afirmava que Porto Alegre era uma cidade grande. Que não era uma cidade como Morano. Que era uma cidade que oferecia muitas chances para crescer na vida (CASSARÁ, 2010, f. 1). Inicialmente, a cidade de Porto Alegre era produto de sua fantasia, que exerceu influência profunda sobre a impressão de chegada:

A chegada foi maravilhosa. Chegamos em setembro no porto aqui de Porto Alegre. Um dia lindíssimo. Aquele sol, aquela coisa e uma banda tocando, porque era aquela festa... A entrada em Porto Alegre, o porto era muito bonito, agora está abandonado, mas nessa época os navios vinham e voltavam. A primeira rua que eu conheci foi a Riachuelo, onde o tio nos recebeu depois a entrada na casa que o pai tinha preparado para nós, na Demétrio Ribeiro, onde residiu por quase 30 anos (CASSARÁ, 2010, f. 8).

Para a jovem, confirmara-se, ao primeiro olhar, a cidade da narrativa do pai e de familiares de moraneses que já residiam e trabalhavam nela. Compreende-se que a idealização juvenil de Dalva é uma construção social, pois “os homens elaboram ideias sobre o real, as quais se traduzem em imagens, discursos e práticas sociais que não somente qualificam o mundo como também orientam o olhar e a percepção sobre essa realidade” (PESAVENTO, 2008, p. 13). Assim, as imagens mentais formuladas sobre a cidade tiveram como suporte as descrições das pessoas que vivenciaram o movimento migratório destinado ao sul do Brasil

desde antes das guerras.²³ Essas pessoas criaram condições para o surgimento das chamadas *redes sociais entre imigrantes*, as quais eram caracterizadas pela condição imigrante de todos os seus participantes. São redes que se distinguem pelo “fato de serem ações proporcionadas, por pessoas com experiência própria, conhecedoras da condição de imigrante, o que possibilita a elas uma relação com o outro, em situação de semelhança; e por isso tendem a ser específicas e singulares” (CARLEAL, 2004, p. 7).

Foi por intermédio de redes parentais²⁴ que Dalva e a família vieram para Porto Alegre no início da década de 1950, quando ocorreu a segunda onda de imigração para o Brasil. Porto Alegre tornara-se atrativa para os imigrantes, pois a economia centrava-se na industrialização, acentuando o processo de urbanização. Conta ela, lembrando a chegada ao porto: “E todos aqueles... Ah, parentes do meu pai, e parte da minha mãe, que a minha mãe tinha umas irmãs aqui, uns irmãos”. Cita ainda Rocco Gallo (Fig. 12)²⁵, seu padrinho, tio materno e o pai que ela não conhecia (CASSARÁ, 2010, f. 7).

Geralmente vinha na frente uma pessoa com objetivos específicos, ou montava o próprio negócio e ajudava financeiramente os parentes a virem, pois necessitava mão de obra, ou arrumava trabalho em alguma empresa e depois ia chamando esposa, irmãos, primos, etc. Essas empresas muitas vezes financiavam as despesas de viagens dos imigrantes. A vinda da família teve a ajuda de alguns parentes maternos que estavam no Rio de Janeiro e paternos e maternos (Fig. 12) que estavam em Porto Alegre.

²³ Informações relativas à presença de imigrantes nos centros urbanos do RS a partir de 1870 podem ser encontradas nos arquivos da Santa Casa, nos assentamentos de batismos, nos códices policiais e nos jornais.

²⁴ Essas redes envolviam parentes de sangue (tios, sobrinhos, primos, filhos irmãos, etc.) que vinham para o Brasil com recurso próprios.

²⁵ Proprietário do Salão Roma, que funcionava na Rua da Praia, próximo ao jornal *Correio do Povo*.



Figura 12 – Batismo de Dalva Di Martino. (Da esquerda para direita: Rocco Gallo e Vicentina Galo (tio e padrinho), pai e mãe (Dalva é a criança no colo da mãe), tia, prima e irmãs).

Fonte: Acervo do Laboratório de Pesquisa em História Oral

Nota-se que já fazia parte do cotidiano da infância de Dalva o deslocamento de familiares e amigos, bem como as suas histórias de idas e vindas constantes ao Brasil. Durante a ausência do pai a vida familiar e a educação eram regidas pelas normas da mãe, que encontrava formas de tornar presente o pai ausente: através de bilhetes que escrevia para os filhos e assinava com o nome do pai; também colocava o prato e guardava o lugar do pai durante as refeições.

Outra maneira de tornar o pai presente era no que dizia respeito às finanças da família. Segundo ela, “toda a vez que o pai mandava dinheiro a mãe reservava uma parte para uma eventual necessidade. E aquilo nos salvou. Então ela foi uma economista” (ibidem, f. 6). O dinheiro poupado serviu para mantê-los durante a guerra, quando diminuíram as remessas e aumentara a carestia. A mãe assumiu a autoridade do pai para fazer valer as regras de convivência familiar e social.

Dalva é minuciosa ao descrever a cidade de Porto Alegre. Seu depoimento permite fazer um mapa do Centro de Porto Alegre e dos acontecimentos. Por meio de sua fala é possível localizar algumas casas de comércio, fazer um traçado das ruas, descobrir quais as formas de sociabilidades se desenvolviam no espaço público, como era o comportamento dos jovens, aonde iam, onde estudavam, onde transitavam em Porto Alegre. Quanto a isso sua descrição é rica. Ela conta que

[...]na cidade tinha muitos armazéns, só na minha quadra, a Demétrio Ribeiro, tinha três; na esquina com a Bento Martins tinha outro. [...] Eu

lembro na Demétrio, de noite no verão, a gente sentava na porta da casa para tomar chimarrão. A vizinhança era uma família. Nós, meninas, passeando e as pessoas de mais idade, conversando (CASSARÁ, 2010, f. 9-10).

Complementa lembrando locais de acontecimentos sociais em Porto Alegre:

A Societá Italiana, que era na Rua Montenegro e agora está na Rua João Telles. [...] Essa época vinha muita música lírica no Teatro São Pedro. Tinha o cinema na Rua da Praia, que era a passarela da juventude. Os meninos ficavam na Praça da Alfândega. Tinha também nesta época o Baile da Reitoria, onde era a Escola de Engenharia da UFRGS. [...] E a época do Baldoff (Fig. 13), onde Edgar Poser cantava (CASARÁ, 2010, f. 9, 10, 11).



Figura 13 – Conj. Melódico N. Baldauf ²⁶

Fonte: < <http://sambaesoul.blogspot.com.br/> >.

4.4 Iole Tredici Paz

Espontânea na fala e nos gestos, Iole Tredice (Fig. 14 p.45) partiu de Pescia, um pequeno povoado da região da Toscana, localizada na parte central da Itália, ao noroeste da província de Pistoia. Ali, em um baile no Cinema Garibaldi (Fig. 25

²⁶ Na década de 50 os integrantes do grupo eram: Norberto Baldauf (piano), Raul Lima (guitarra), Victor Canella (acordeon), Léo Velloso (contrabaixo e gerência), Porto Rico e Wilson Baraldo (bateria), Fausto Touguinha (ritmo), Luiz Octávio e Renê Martins (*crooner*). Nos anos 60, entraram Edgar Pozzer (*crooner*), Léo Beloni (bateria), Helio Santos (vibrafone) e Heitor Barbosa, além de uma participação relâmpago da *lady-crooner* Elis Regina em três bailes. O primeiro baile do conjunto foi no dia 17 de maio de 1953, na Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Disponível em: <sambaesoul.blogspot.com.br>. Acesso em: maio 2012.

p.45), conheceu e enamorou-se do combatente do exército brasileiro João Pedro Paz, que integrou um grupo em missão de paz. O povoado ainda vivia as consequências das mortes ocorridas durante a ocupação dos alemães na província de Arezzo, também localizada na Toscana (PORTELLI, 1996, p. 103-130).²⁷



**Figura 14 – Iole Tredici (17 anos).
(Pescia).**

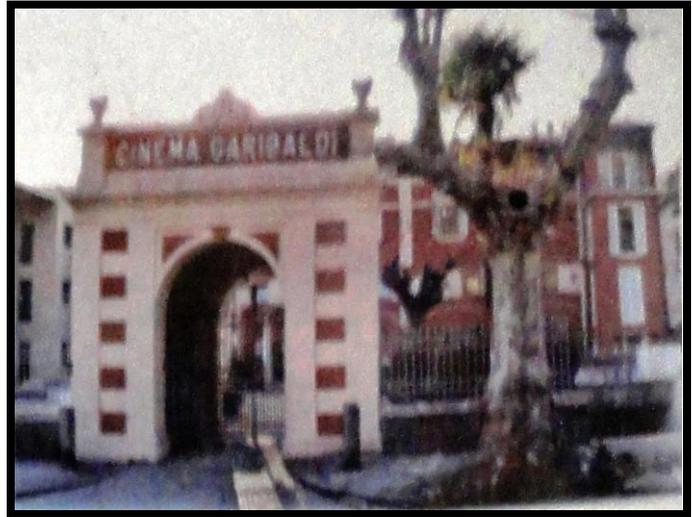


Figura 15 – Cinema Garibaldi

Fonte: Acervo do Laboratório em História Oral da PUCRS.

Encerrada a missão, o pelotão retornou ao Brasil. Meses após seu retorno ao país de origem, Pedro recebeu a notícia de que Iole estava grávida. Aos 18 anos de idade, um ano após o final da Segunda Guerra, no dia 28 de outubro de 1946, Iole iniciou a sua viagem para o Brasil. Embarcou no navio em Nápoles e atravessou o mar, vindo ao encontro do esposo João Pedro Paz. Ele integrou, em 1945, a Força Expedicionária Brasileira (FEB),²⁸ lutando ao lado dos aliados, na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. Na verdade, o Brasil teve uma breve atuação naqueles episódios, na qual ocorreu:

Depois de meses de preparativos, os transportes para a Itália deram-se entre 2 de julho de 1944 e 8 de fevereiro de 1945. Juntamente com a FEB,

²⁷ Em 1944, ao serem retirados de Roma, os alemães mataram 13 prisioneiros civis e militares em Civitella Val di Chiana; executaram 115 civis, todos os homens, em La Cornia; mataram 58 pessoas, incluindo mulheres e crianças, no vilarejo de San Pancrazio. Tudo indica que esses atos foram uma retaliação pelo assassinato de três soldados alemães por membros da Resistência, em Civitella, no dia 18 de junho de 1944.

²⁸ A Força Expedicionária Brasileira, criada no dia 23 de novembro de 1943, englobava a recém-criada 1ª Divisão Expedicionária e elementos do Corpo de Exército e dos Serviços Gerais, com um contingente total de 25.334 homens, comandados pelo general de divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes.

segiu o 1º Grupo de Caças, esquadrão aéreo composto por 42 oficiais e pilotos e 400 homens de apoio, equipados com 28 aviões P-47 Thunderbolt. Desembarcadas em Nápoles, as tropas brasileiras seguiram depois para a região de Pisa, na província de Toscana, centro-norte do país, onde iniciaram suas operações de guerra. Os combatentes se concentraram na região dos Apeninos, entre os rios Arno e Pó (províncias de Toscana e Emília), estenderam as operações até o Piemonte, no norte da península. Em 29 de abril chegavam emissários dos generais alemães Vietinghoff-Scheel e Wolff, levando os termos da rendição. Finalmente, a 2 de maio de 1945, em Florença, é assinada a capitulação incondicional dos alemães pelo general Von Sentir und Etterlin e o general Mark Clark (Fonte: www.2guerra.com.br).



Figura 16 – Iole Tredici e Pedro Paz.

Fonte: Acervo do Laboratório de Pesquisa em História Oral.

Ao retornarem ao Brasil, os pracinhas foram recepcionados pelo presidente Getúlio Vargas no Cassino da Urca. Receberam condecorações e homenagens com bandas e apresentações musicais. Entre os artistas presentes estava Vicente Celestino, para quem Pedro Paz (Fig. 16) narrou a sua história, inspirando-o a escrever a canção *Mia Gioconda*, conforme reportagens nos jornais *ZH Petrópolis*, 05 de julho de 2007, e *Correio do Povo*, 02 de agosto de 2009, cuja letra reproduz-se a seguir:

Do dia que nascemos e vivemos para o mundo/
Nos falta uma costela que encontramos num segundo/
Às vezes muito perto desejamos encontrá-la/
No entanto é preciso muito longe ir buscá-la/
Vejam o destino de um pracinha brasileiro/
Partindo para a Itália transformou-se num guerreiro/
E lá muito distante, despontar o amor sentiu/
E disse estas palavras a uma jovem

quando a viu /Italiana / *La mia vita oggi sei tu io te voglio tanto bene/ Partiremo due insieme/ Ti lasciar non posso più/ Italiana/ Voglio a ti piccola bionda/ Ha il viso degli amoril/ La tue lapri son due fioril/ Tu sarai mia Gioconda/ Vencido o inimigo que antes fora varonil/ Recebeu da FEB a ordem de embarcar para o Brasil/ Dizia a mesma ordem:/ Quem casou não poderá levar consigo a esposa/ A esposa ficará/ Prometeu então o bravo, ao dar baixa e ser civil/ Embarcarás amada, para os céus do meu Brasil/ E, enquanto ela esperava lá no cais napolitano/ Repetia estas palavras no idioma italiano:/ *Brasiliano/ La mia vita oggi sei tu/ Io te voglio tanto bene/ Quiedo a Dio que tu venga/ Ti scordar non posso più/ Brasiliano/ Sono ancora tua bionda/ Mi sposo hai lasciato/ Questo cuore abandonato/ Che chiamasti di Gioconda/ Di Gioconda/ Di Gioconda* (<http://letras.mus.br/vicente-celestino-musicas/473426/>).*

Já nesse período, a presença italiana estava integrada na vida nacional e a imigração passava por uma fase de estagnação, ou seja, a migração era residual e sustentada pelas redes migratórias. A vinda de Iole foi resultado da organização de uma rede complexa de relacionamento que mobilizou um aparato interestadual e internacional. A sua movimentação envolveu a ajuda de instituições, de associações de mídia, do Consulado Italiano e da Associação dos Ex-combatentes da Segunda Guerra.²⁹ A jovem deixava um país que começava a ser marcado pelo crescimento econômico e pela instabilidade política advinda das mudanças de governo.

Um ano após o retorno dos combatentes brasileiros, Iole veio ao Brasil (Fig. 17, p. 44). Portava apenas uma bagagem pequena e o filho nos braços. Tinha pouca familiaridade com o mar. A viagem na terceira classe teve lá seus inconvenientes, que incluíram 40 dias de privações alimentares, em decorrência “do mal do mar” (ROSSATO, 1883, apud MAESTRI, 1996 p. 201), sensação que lhe causava enjoos e vômitos constantes, o que debilitou a sua saúde, prejudicando a amamentação do filho recém-nascido. Somaram-se a estas dificuldades, e ao fato de viajar desacompanhada; o roubo de seus pertences quando o navio aportou, em Gênova.

Relatos semelhantes ao episódio vivido por Iole foram evidenciados em estudos anteriores, informando que “a estada no porto de Gênova à espera da partida do navio era uma etapa da viagem que podia reservar sérias e desagradáveis surpresas, inclusive roubando os recém-chegados no porto ou no transcurso da viagem” (idem, p. 194). Apesar dos contratemplos, Iole encontrou amizade e ajuda entre os companheiros de viagem. Muitos eram provenientes de várias partes da Europa e outros brasileiros, dentre eles alguns eram patrícios.

²⁹ Fundada em 1945, a associação foi criada com o objetivo de lutar por leis de amparo aos ex-combatentes mais necessitados, de manter viva a chama da FEB, seus ideais, tudo isso respeitando a ação política ou ideológica de cada um. [s.a] **As associações de ex-combatentes**. [s.d.] Disponível em: <www.mauxhomepage.com>. Acesso em: 18 set. 2010.



Figura 17 – Reportagem sobre a chegada de Iole em Porto Alegre.

Fonte: *Folha da Tarde*, 29 out. 1946, p. 10.

Durante a viagem sempre esteve presente a ajuda de pessoas estranhas. A solidariedade decorrente dos apelos na rádio e nos jornais *Correio do Povo* e *Folha da Tarde* (Fig. 17), protagonizados por Cândido Norberto (Fig. 18, p. 51),³⁰ custearam a sua longa viagem. Após 40 dias, o navio atracou no cais de Porto Alegre, Iole não olhou para a cidade, porque não formulara a ideia sobre ela, visto que o diálogo com Pedro, durante o namoro, não havia superado os entraves da língua.



³⁰ Cândido Norberto dos Santos, nasceu em Bagé, no dia 18 de outubro de 1927, mesmo ano de fundação da Rádio Gaúcha. Chegou a Porto Alegre em 1943, para trabalhar na *Folha da Tarde*, periódico da Caldas Júnior. Além de experiência, conquistou várias amizades. Cita como exemplos Flávio Alcaraz Gomes e João Bergmann, locutor da PRF-9, Rádio Difusora Porto-Alegrense. PROJETO Vozes do Rádio. Jornalismo, FAMECOS/PUCRS. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/famecos/vozesrad/candido.htm>>. Acesso em: 24 set. 2010.

Figura 18 – Cândido Norberto dos Santos (dir.) e João Pedro Paz (esq.).

Fonte: Jornal *Folha da tarde*, 11 set. 1946, n. 117.

Para Iole, que veio anos antes, os planos e a esperança de uma nova vida, estavam relacionados ao encontro com o marido. Neste sentido, ela relata dois episódios marcantes. O primeiro foi a despedida da mãe no porto de Gênova (TREDICE, 2010, f. 11). A figura da mãe significava coesão familiar, segurança e proteção. O porto, por sua vez, um ponto de ligação, entre o passado e o futuro. E o navio sobre o mar pode ser compreendido por suas variações e instabilidade em relação ao percurso. Com a mudança de cenário mudam também os papéis das personagens: Iole torna-se a figura de coesão familiar, o filho é a ligação entre o passado e a cidade, com suas variações, ruas, as pessoas e seus sotaques, uma incógnita geradora de incertezas.

O segundo episódio foi o da chegada à cidade de Porto Alegre. O fato de não ter ninguém à sua espera causou uma sensação de vazio, solidão e abandono, conforme suas palavras: “Cheguei no sábado. Chego ao porto. Olho... O navio todo descia, eu estou lá, olhava, então começaram a cair as lágrimas. Será que o Pedro não vem?... Já estava tudo combinado que ele vinha me buscar. Eu apertando meu filhinho aqui (fez gesto abraçando o peito). Então eu vi todo mundo descer...” (idem, f. 12). Desceu, tomou um taxi e dirigiu-se ao endereço que trazia consigo. Lá estava o marido, que a recebeu com surpresa pois o navio chegara antes do previsto.

Iole evocou a cidade sob a expectativa de seus sonhos, isto é, intuitiva e emocionalmente. Neste sentido, o imaginário não apenas “compõe-se de representações sobre o mundo do vivido, do visível e do experimentado, mas também se apoia sobre os sonhos, desejos e os medos de cada época, isto é, sobre o não tangível nem visível, que passa, porém, a existir e a ter força de real para aqueles que o vivenciam” (PESAVENTO, 2008, p. 14). Assim sendo, foi possível deduzir que a ideia formulada por Iole sobre Porto Alegre não tinha como referência o visual ou o material, mas o sentido e o imaterial, que pertencem ao campo das sensibilidades.

Por outro lado, as lembranças da infância na cidade natal são materiais, visíveis e riquíssimas. Tivera estudo e conta que “naquela época era tudo de graça. Era na época do Mussolini. Fascismo” (TREDICE, 2010, f. 5). Trata-se do regime

político unipartidário implantado na Itália por Benito Mussolini (1919-1943), que se caracterizava pelo:

Orquestramento do culto ao *Duce* e à *religião da pátria*, para impulsionar a nacionalização das massas, para beneficiar-se de todas essas contribuições ao regime, para controlar a educação popular e a socialização da juventude, para assumir a tarefa da formação de uma nova elite dirigente. [...] A especificidade do fascismo apoiou-se em sua capacidade para envolver-se, no positivo e no negativo, com amplíssimos setores da população. Alguns desses setores são, social e politicamente, claramente reconhecíveis, mas outros, mais amplos, estavam constituídos – não nos esqueçamos – por homens e mulheres, que também faziam sua história, tinham seus próprios interesses e sua própria racionalidade (CAMPOS, 1999, p. 271-272).

O depoimento de Iole aponta fatos específicos mencionados por Campos. Um deles indica a familiaridade da mulher do norte da Itália com as guerras: “A minha *mamma* ficou viúva, e a gente não tinha dinheiro. Então era minha *mamma* que lutava para ganhar dinheiro e dar comida aos filhos” (TREDICE, 2010, f. 05). Desde a morte do marido, o lar era provido pela mãe, pelas irmãs e pelo irmão mais velho. Iole também indica conflitos políticos sociais presentes no cotidiano: “A gente era criança, não sabia o que era fascismo, a gente cuidava da vida que a gente levava, que a *mamma* podia dar, então estudava e trabalhava numa fábrica de seda, precisava usar um banquinho, era menor de idade” (idem, f. 6).

Uma das consequências da Segunda Guerra Mundial foi a carestia e a falta de abastecimento nos mercados locais. O comércio fechou as portas; os moradores de Pescia buscavam provisões nas cidades vizinhas: “As mães iam comprar pão no mercado negro; como não tinha dinheiro suficiente, elas roubavam as frutas. Todas as mães, várias mães, iam de sacola, tinha maçã, pera e laranja pra trazer em casa” (idem, *ibidem*). Cumpre acrescer, pois, que o seu relato corrobora as informações de outras depoentes, como Valéria Novek Paskulin, Francesca Ducceschi e Dalva Di Martino,³¹ demonstrando que, de modo geral, as zonas do conflito foram castigadas pela carestia.

Ela relembra também episódios da infância com as amigas, que aconteciam praticamente no meio dos bombardeios de guerra: “Eu e a minha amiga, a gente estava com a sacolinha cheia de frutas, que a gente tinha conseguido. Então vínhamos felizes, de repente vinha um avião baixinho. Corríamos e dávamos cada risada... Rindo, rindo em vez de chorar de medo (idem, f. 7)”. Sua fala cristaliza uma

³¹ Depoimentos disponíveis para consulta no Laboratório de História Oral da PUCRS.

“memória pessoal que também é uma memória social, familiar e grupal mediada pela linguagem, que aproxima as lembranças do passado enquadradas pelo presente” (BOSI, 1983, p. 18).

Esta afirmação de Ecléa Bosi (1983) também ratifica as palavras de Iole, quando ela relata que todos os homens de sua família participaram das guerras: “eu tinha três deles que foram militares: meu pai fez a Primeira Guerra, meu irmão fez a Segunda Guerra, não fez a outra porque ele estava na Rússia, onde ficou com os pés quase congelados, e meu marido fez a Segunda Guerra (TREDICE, 2010, f. 9)”. As lembranças relacionadas à Segunda Guerra possuem uma riqueza de detalhes guardados na memória que está em contínua reelaboração. Para isto, ela vale-se da interação de suportes da memória, como seus vínculos sociais, a sua casa e os vestígios preservados em arquivos fotográficos, em jornais, documentários, músicas e filmes, constantemente manuseados pelo esposo.

4.5 Valéria Novek Paskulin

Valéria Novek Paskulin,³² natural de Trieste,³³ norte da Itália, relata que partiu da cidade natal em 1951, junto com o marido, pois ele era técnico de produção de alimentos e veio para montar a fábrica de massas Adria,³⁴ em Porto Alegre, no bairro São Geraldo. Conta que região em que morava falava-se duas línguas: “italiana e eslovena, pois é uma zona de fronteira [...]. Praticamente as pessoas tinham que saber duas línguas, porque os pais falavam esloveno, mas eu ia ao colégio que era

³² Depoimento coletado em 2010, pela acadêmica Cristiane Rolsing Teixeira. Não foram capturadas imagens nem da depoente, nem do seu acervo particular.

³³ Trieste foi cidade eslovena até fim da Segunda Guerra Mundial, depois, por acordos políticos, se tornou território italiano. Em 1947, foi estabelecido que a região seria território livre e dividido em duas zonas: Zona A, que incluía a cidade de Trieste, que passou a ser administrada pelos britânicos e americanos, e a Zona B, que seria administrada pelo Exército Nacional Iugoslavo. Em 1954, um acordo entre Itália e Iugoslávia foi assinado em Londres e a administração provisória da região passou à Itália e à Iugoslávia.

³⁴ A Adria surgiu da experiência de um grupo de jovens imigrantes italianos que, inspirados na culinária de seu país, trouxeram para o Brasil a tradição de uma região famosa pelas melhores massas: a região norte da Itália, próxima ao Mar Adriático. O nome “Adria” surgiu em referência a esse mar (Adriático). Na primeira metade da década de 50, a meta prioritária do governo era intensificar a industrialização no Brasil. Foi nesse cenário que a Adria foi fundada, em 1951, implantando sua primeira fábrica no bairro de São Geraldo, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2006/08/adria-brasileira-com-gostinho-europeu.html>>. Acesso em: 15 maio 2012.

italiano, era obrigada a saber [...], então tinha que saber se virar” (PASKULIN, 2002, f. 1).

A depoente conta lembranças do tempo da guerra, da carestia e do racionamento de alimentos: “o pão era racionado, a mãe dava cada pãozinho que era de cento e cinquenta gramas e dizia: olha esse aqui é pra você, não tem mais nada”. E também fala das perdas:

Faltava poucos dias para terminar a guerra quando os alemães mataram o meu irmão, que era *partigiano*, aquele que protestava contra o fascismo. [...] Meu irmão foi pego e conseguiu escapar. Tinha 20 anos. Em represália nos levaram como refém, ficamos na cadeia por dois meses, aí pegaram ele de novo e o mataram. Ficamos eu, minhas três irmãs e minha mãe sem homem (PASKULIN, 2002, f. 2).

Terminada a guerra, em 1945, Valéria, com 14 anos, conseguiu seu primeiro trabalho, que foi em um escritório, no qual trabalhou durante dois anos. Depois, segundo ela, “Vieram os aliados, que seriam os ingleses e americanos, quando a nossa zona foi considerada Território Livre (PASKULIN, 2002, f. 3)”. Em 1949, casou-se e, em 1951, ela e o marido se mudaram para Porto Alegre. Segundo ela, “[...] as crianças tinha na frente da casa a Praça São Geraldo, iam na pracinha e eu acompanhava olhando da janela da casa, a gente deixava o portão aberto, não tinha o pavor que tem agora onde todo o pátio tem que estar gradeado (PASKULIN, 2002, f. 4)”. Estas passagens apontam para o fato de que

[...] a cada invocação a memória recebe uma nova roupagem, adquirindo características peculiares; está sempre em intensa reconstrução a partir da visão do mundo atual. Os fatos passados, embora pareçam evidentes, ao serem revistos já não apresentam a mesma interpretação do passado, modificam-se com o tempo e pela atribuição de novos valores e juízos sociais (BONAFÉ, 2007, p. 29).

Quanto ao lazer, Valéria conta que se divertia com os amigos, sem especificar quem eram eles, indo à praça, aos bailes e passeando na praia. Relata que não tiveram dificuldades e nem sofreram nenhum tipo de discriminação; entretanto, fala que alguns amigos que viveram aqui no tempo da guerra tiveram alguns problemas de rejeição. Valéria recorre ao testemunho de sua experiência anterior e ao testemunho de outros que indicam ou destacam aspectos a serem observados (SCHIMIDT e MAHFOUD, 1993, p. 285).

Nesta interlocução, a depoente expõe um fato relacionado às lembranças de outros imigrantes, o que remete a uma memória social e, como todas as atividades

humanas, a memória é social e pode ser compartilhada, e só se materializa nas reminiscências e nos discursos individuais (PORTELLI, 1996, p. 127). Seu depoimento apresenta questões culturais relativas tanto a origem e a identidade, quanto ao sentido de pertencimento quando Valéria afirma o seguinte:

[...] como eu disse eu morava numa fronteira. Quilômetros acima era fronteira com a Eslovênia e mais acima era a Áustria. Então os dois locais tinham pontos de vista diferentes. No tempo da guerra tinha os nazistas, da Áustria, os fascistas e a Opera Nazionale, *ballila* (Fig. 19,)³⁵. Nós sempre em casa falávamos com minha mãe, em esloveno, mas fora de casa tínhamos que falar italiano. Eu sou uma mistura. E quando vim para cá disse: pelo menos lá, ninguém vai me dizer para falar isso ou aquilo (PASKULIN, 2002, f. 7).



Figura 19 – *Balillas* na Itália.

Fonte: <conhecerahistoria12.blogspot.com.br>

Os aspectos acima relatados pela depoente trazem à tona questionamentos relativos ao pertencimento de um grupo étnico organizado socialmente. Ou seja, são ângulos relacionados com as vivências de cada indivíduo dentro de um grupo étnico. Os grupos étnicos são “categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores e, assim, têm a característica de organizar a interação entre as pessoas” (BARTH, 1998, p. 189).

³⁵ Filhos de fascistas, crianças ou adolescentes, eram obrigados a assistir às aulas de italiano, na sede do *Fascio* (em casa, raríssimos foram os pais que se interessaram em ensinar seu idioma aos filhos. Na intimidade, falavam o idioma de origem). Em outros dias, as crianças voltavam ao *Fascio* para aprender a cantar a *Giovinezza* e cantos de louvação aos chefes e feitos fascistas. Nas festas, as crianças, conhecidas por *ballillas*, destacavam-se pela alegria e entusiasmo. As meninas vestiam saia preta, blusa, boina e meias brancas. Os meninos, camisa, meia e gorro pretos, calça e gravata brancas. *Balilla*: homenagem ao herói genovês, Giovanne Battista Perasso, apelidado Balilla, que deu início à luta contra os derrotados invasores austríacos, em Gênova, atirando neles uma pedra, em 1746. Disponível em: <<http://www.saojoseonline.com.br/nuova/pog53.htm>>. Acesso em: 23 maio 2012.

Os relatos da depoente permitem atribuir uma categoria étnica “de si para si” ou “que os outros atribuem para ele” e acabam sendo externados através da fala, de signos. A fala Valéria não se identifica com nenhum dos grupos de convívio, nem os italianos, nem os eslovenos, nem porto-alegrenses. Entretanto, sua narrativa evidencia as práticas da dominação de Mussolini, experimentadas na infância pela depoente. Essas práticas foram registradas no Brasil através de relatos orais e fotografias e ocorreram na cidade de São José do Rio Pardo (Fig. 20), em São Paulo, onde o PNF tinha sede e executava os mesmos rituais comemorativos e de exaltação patriótica recorrentes na Itália.



Figura 20 – Filhos e filhas de fascistas: *balillas* nas festas italianas em São José do Rio Pardo.

Fonte: <www.saojoseonline.com.br/nuova/pog53.htm>.

Conta Valéria que, quando chegou a Porto Alegre, encontrou poucas pessoas de sua região: “É interessante, nós éramos poucos, daquela zona. A maioria ou era da baixa Itália ou da parte lá de Milão, a parte alta. [...] fizemos amizade com outros, pois, da nossa zona, a maioria foi para a Austrália” (PASKULIN: 2002, f. 7). Conta ainda que, quando vieram a Porto Alegre, não tinham nenhuma idéia sobre o lugar, olharam o mapa e acharam que a cidade ficava junto ao mar, pois o marido havia se criado em zona litorânea e sentia muita falta de lá, do lugar onde se criara.

Valéria encerra sua narrativa recordando sua viagem, que iniciou em Trieste, embarcou no navio em Gênova, passou por Nápoles, Portugal, Rio de Janeiro, Santos. O trajeto de Santos a São Paulo foi de automóvel e de lá até Porto Alegre foram três horas de avião. Por fim, disse que se acostumou a Porto Alegre e que se defendia como podia.

5 ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS

5.1 Narrativas indiciárias

Através da narrativa das mulheres em questão, pode ser escrita uma história da imigração das mudanças que eram orquestradas na cidade de Porto Alegre. As mudanças decorriam da vontade de se tornar potências e foram assim idealizadas:

Automóveis correndo em amplas avenidas, pessoas morando e trabalhando em altos edifícios, fábricas apitando lançando rolos de fumaça aos ares, homens e mulheres frequentando cafés, bares, restaurantes, cinemas, a publicidade de magazines, de roupa e eletrodomésticos apelando às novas práticas de consumo, eram algumas das cenas modernas de uma nova cultura urbana. (MONTEIRO, 2005, 376)

Entre os anos de 1945 e 1955 houve uma busca pela modernidade nos hábitos e formas de consumo juntamente uma crise acentuada na infraestrutura urbana que pode ser identificada nos depoimentos de Dalva, Francesca, Iole e Valéria. Não será objetivo de análise a veracidade das informações fornecidas pelas depoentes, mas sim a forma como elas relacionam-se com as mesmas durante o processo de lembrar o próprio passado, e também o papel que essas lembranças (vivenciadas ou herdadas) exercem na formação da personagem que ela nos apresenta (POLLAK, 1992, p. 2). A partir da vida cotidiana de cada uma, se descortina uma coletividade, da qual elas são indiciárias. Neste sentido, entende-se que

[...] a vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho, da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação (HELLER, 1989, p. 17, 18).

Para escrever esta história é necessário o recurso da metodologia em História Oral, que prioriza o relato dos mais velhos como fonte histórica. Quando mulheres idosas contam e compartilham vivências e conhecimentos, viabilizam a identificação de fragmentos de experiências coletivas que são conhecidas por determinados grupos em certo contexto social. Elas preservam na memória a essência cultural do grupo ou grupos com os quais interagiram e “nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade,

com características bem marcadas e conhecidas; elas já tiveram quadros de referência familiar e cultural: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo” (BOSI, 1983, p. 22).

Também são encontradas nos seus depoimentos construções autorrepresentativas, que podem ser enquadradas na categoria de gêneros literários, pois isto é literatura (CONSTANTINO, 2006, p. 72). O depoimento de Dalva sistematiza a narrativa épica. Ela compara a vinda da família com o percurso feito por Colombo, quando faz alusão à distância de Gênova ao Rio de Janeiro e deste para Porto Alegre. Além disso, prioriza os feitos e as vitórias, arrematando com um final feliz e bem sucedido. Já em seu depoimento, Iole acentua o dramático-fatalista, ao afirmar que, para encontrar Pedro, precisou passar por privações e perdas como pré-requisitos ou obstáculos a serem superados para atingir o destino.

Dalva, Francesca e Valeria baseiam suas narrativas no mito do italiano trabalhador e bem sucedido alimentado pela tradição historiográfica, enquanto Iole apoia-se no mito do amor,³⁶ que supera qualquer obstáculo. Todas as memorialistas cresceram distantes geograficamente em seus respectivos locais de origem. Viveram contextos políticos, econômicos e socioculturais diversificados, contudo, semelhantes foram os códigos familiares morais que nortearam os seus modos de vida e conforme escreve Agnes Heller:

[...]. A moral é um sistema das exigências e costumes que permitem ao homem converter mais ou menos intensamente em necessidade interior – em necessidade moral – a elevação acima das necessidades imediatas (necessidades de sua particularidade individual, as quais podem se expressar como desejo, cólera, paixão, egoísmo ou até mesmo fria lógica egocêntrica, de modo que a particularidade se identifique com as exigências, aspirações e ações sociais que existem para além das casualidades da própria pessoa, ‘elevando-se’ realmente até essa altura (HELLER, 1989, p. 5, 6).

Distintos foram os fatores condicionantes da viagem: partida, percurso e chegada. Dalva veio com o auxílio da família, enquanto Iole recebeu apoio de

³⁶ O mito do amor, na literatura portuguesa, encontrará as suas origens no entrecruzamento entre as cantigas galego-portuguesas de amor e de amigo. Nas cantigas de amigo, vamos encontrar um amor que justifica os desvios de virtude das donzelas apaixonadas. Mentir por amor, dissimular para a mãe e se entregar como prova de amor são os comportamentos descritos pelas donzelas nas cantigas de amigo, como bem demonstra Leodegário A. de Azevedo Filho, no seu livro “As Cantigas de Pero Meogo”. Nessas cantigas, não há lugar para o “morrer de amor” das cantigas de amor. Nestas últimas, a dor de “morrer de amor” revela-se para o imaginário do trovador como gozo, que, ao contrário das cantigas de amigo, não se inscreve pela via do sexual. FERREIRA, Nadiá Paulo. **O mito do amor na literatura medieval Portuguesa**. Disponível em: <www.filologia.org.br>. Acesso em: 18 set. 2010.

entidades assistenciais. Valéria veio com recursos da empresa em que o marido iria trabalhar e Francesca veio com recursos do marido, artista plástico. A vinda de Dalva e Iole deriva de um sistema estratégico de redes migratórias da década de 1950, em um tratado firmado pelos governos italiano e brasileiro. O tratado previa a solicitação regular do Brasil de mão de obra de trabalhadores italianos, divididos por profissão.

Nesse sistema as imigrações Dalva e Iole podem ser enquadradas em duas modalidades: redes familiares e redes institucionais (através de grupos e cooperativas). Por outro lado, Valéria e Francesca fazem parte de outras categorias: redes de trabalho (dirigida) e imigração individual, relacionadas com oferta de trabalho (TRENTO, 1989, p. 412).



Figura 20a Rua Demétrio Ribeiro – Década de 50

Fonte: <[http://fotosantigas.prati.com.br/FotosAntigas/Diversos/Novas201210/Porto_Alegre_Rua_Dem%C3%A9trio_Ribeiro\(acervo_Laudelino_Medeiros\)_d%C3%A9c1950.htm](http://fotosantigas.prati.com.br/FotosAntigas/Diversos/Novas201210/Porto_Alegre_Rua_Dem%C3%A9trio_Ribeiro(acervo_Laudelino_Medeiros)_d%C3%A9c1950.htm)>

Dalva encontrou uma casa confortável e preparada para receber a família na Rua Demétrio Ribeiro (fig. 20a), no Centro de Porto Alegre, onde predominavam famílias brasileiras. Iole foi morar em um quarto de pensão na companhia do marido e do filho, na Avenida Pres. Roosevelt (Fig. 21),³⁷ Bairro São Geraldo, no 4º Distrito. Valéria inicialmente residiu em uma casinha nos fundos da fábrica de massas Adria, na Avenida Polônia, também no 4º Distrito. Francesca foi para o Bairro Guarujá, na Zona Sul, onde residiam imigrantes de diversas etnias.³⁸

³⁷ Antiga Av. Eduardo.

³⁸ Detalhes sobre imigrantes de outras etnias podem ser encontrados nos depoimentos das quatro mulheres em questão: Dalva, Iole, Francesca e Valéria.



Figura 21 – Cine Thalia, na Av. pres. Roosevelt

Fonte: www.carlosadib.com.br/poa_fatos

O idioma que, para Iole, resultava em dificuldade de inserção, para Dalva e Francesca oportunizou a interação com o grupo local. No espaço geográfico de Porto Alegre reproduziu-se uma forma de vida diferente dos locais de origem das duas mulheres. Nele as condições econômicas e as relações sociais de cada uma delas ocorreram de formas distintas. Entende-se que “as relações sociais, que fundam os processos individuais, são caracterizadas por tensões e equilíbrios. Estão vinculadas tanto à solidariedade quanto à coação” (GÓES, 2000, p. 119). Elas são evidenciadas nas narrativas das quatro italianas.



Figura 22 – Cine Navegantes, na Av. Cairú.

Fonte: Revista A Tela, n. 9, 15-12-1927

Enquanto Dalva passeava pelas praças, frequentava escola, teatros, cinemas e cultivava amizades, Francesca trabalhava com pintura de quadros ou ministrando aulas de pintura e bordado italiano. Desse modo, Francesca desenvolveu suas relações a partir das atividades de trabalho. Iole distraía-se frequentando as sessões do Cine Navegantes (Fig. 22, p. 60) ou participando, com o marido, dos encontros da Associação de Ex-Combatentes, também passeava com o filho na Galeria

Chaves (Fig. 23) e cuidava da casa pois, segundo ela, o marido acreditava que ela não precisava continuar os estudos. Para Iole, os relacionamentos sociais foram intermediados pelas relações do marido, que estavam fundamentadas na instituição a qual ele pertencia, ou seja, o Exército Brasileiro.



Figura 23 – João Pedro, Iole e o filho Pedro passeando na Galeria Chaves (1950).

Fonte: Acervo do Laboratório em História Oral

Dalva passeava com as amigas e colegas de estudos do Colégio Sévigné na Rua da Praia e dançava nos bailes da Società Italiana e da Reitoria (Fig.24, p. 62 – Fig. 28, p.62) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Aos fins de semana tinha piquenique no campo com os amigos (Fig. 26, p. 62) e levava os filhos à pracinha as Usina do Gasômetro (Fig. 25, p. 62). Suas relações se desenvolveram nos espaços públicos da cidade de Porto Alegre. Já Valéria observava os filhos brincando na Praça São Geraldo, ia ao Cine Thália (Fig. 21, p. 60), encontrava os amigos em sua casa ou na casa deles e veraneava com os mesmos amigos na praia do Morro dos Conventos, no estado de Santa Catarina. Ela desenvolveu suas relações sociais no ambiente privado de sua casa.



Figura 24 – Dalva e Nicolò no Baile da Reitoria.



Figura 25 – Dalva e as amigas na Praça da Usina.



Figura 26 – Dalva e Nicolò em passeio no campo.

Fonte: Acervo do Laboratório de Pesquisa em História Oral

Iole, frequentava a Igreja Navegantes, aprendia a ler, escrever e falar o português com o filho, embora, ainda hoje, tenha dificuldades com a pronúncia. De resto, acompanhava o marido nas reuniões da Associação de Ex-Combatentes da FEB (Fig. 27,). Com o tempo fez amizade com as esposas dos pracinhas, passou a interagir no grupo, participando de eventos sociais, homenagens e comemorações patrióticas. Dalva manteve os vínculos familiares, ainda fala o dialeto de sua região de origem com outros moraneses (Fig. 28), integra o Centro Calabrese do Rio

Grande do Sul, participa das reuniões sociais e ministra aulas do idioma italiano na Associação Italiana do Rio Grande do Sul (ACIRS).



Figura 27 – Almoço na Associação de Ex-Società



Figura 28 – Dalva no Baile de Carnaval da

Combatentes da FEB

Italiana

Fonte: Acervo do Laboratório de Pesquisa em História Oral.

Francesca escreveu um livro para contar a sua história, mantém os vínculos estreitos com a sua terra. Esses vínculos se expressam através do idioma, da arte, da comida (Fig. 29, p.64) e das relações familiares: o filho tem empresa na Itália, a neta reside por lá e ela retorna com frequência à terra natal. Valéria vive de recordações, mas não se identifica no passado. Sobre isso Bhabba (2005) aponta que

[...]a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca é uma profecia autocumprida – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. [...] A identificação é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do outro de onde ela vem. (BHABHA, 2005, p. 76).

Dessa forma, a imagem é uma representação, isto é, dá a ver uma coisa ausente (CHARTIER, 1988, p. 20). Na definição de Bhabha (2005),

[...] a imagem torna presente algo que está ausente (e temporalmente adiada: é a representação de um tempo que está sempre em outro lugar, uma repetição [...]); ela é um acessório da autoridade e da identidade; ela não deve nunca ser lida mimeticamente como a aparência de uma realidade. O acesso à imagem da identidade só é possível na negação de qualquer ideia de originalidade ou plenitude; o processo de deslocamento e diferenciação (ausência/presença, representação/repetição) torna-a uma realidade limiar. A imagem é, em um só tempo, uma substituição metafórica,

uma ilusão de presença e, por isso, uma metonímia, um signo de sua ausência e perda (BHABHA, 2005, p. 86).

As mulheres aqui analisadas guardam em suas casas um acervo representativo que as identificam: alguns objetos espalhados pelos cômodos de suas residências, muitas fotografias da juventude, da família, dos lugares de procedência. Fotografias dos lugares e bairros onde residem ou residiram em Porto Alegre. Assim sendo, as mulheres, para registrarem suas experiências e lembranças, passaram a recorrer aos objetos, fazendo de cada artefato selecionado o suporte de um instante memorável (PEREIRA, 2008, f. 125).



Figura 29 – Panforte, doce típico da Sicília.



Figura 30 – Pintura da casa de Dalva em Morano. Autora: Maria di Gesù.

Fonte: Acervo do Laboratório de Pesquisa em História Oral.

Para as quatro mulheres, a viagem – partida, percurso e chegada – processou-se de maneiras opostas. Dizer adeus a Pescia e despedir-se da família foi um momento de ruptura traumática para Iole, porque ela tinha consciência de que esta seria uma viagem sem retorno. Para Dalva não houve adeus e o trauma da partida se transformou em saudade, porque ela veio com a família, mesmo assim, ela trouxe, na memória, as lembranças da infância, das pessoas, da casa (Fig.30), das amigas que ficaram em Morano Cálabro. Para Francesca, essa viagem era temporária, somente até terminarem os conflitos internos. Já Valéria veio sem saber o que seria de seu futuro, apenas buscavam melhorar as condições de vida e amenizar as diferenças culturais existentes no local de procedência da família, tinha apenas a certeza que jamais retornaria. Todas as falas das depoentes confirmam as palavras de Dimitri Fazito (2008) quando afirma que

Diante da impossibilidade de retorno, muitas vezes vivida inconscientemente pelos imigrantes, parece só restar a alternativa socialmente estruturada de uma espécie de dissimulação. O imigrante manipula simbolicamente suas experiências cotidianas ao criar suas ilusões sobre o retorno às origens buscando, assim, justificar sua situação muitas vezes incomoda de deslocado e inclassificável. (FAZITO, 2008, p. 3)

Iole retornou à cidade natal poucas vezes, diz que o seu lugar é ao lado do marido. Dalva voltou, visitou a casa onde viveu quando criança, e se deu conta de que, na sua memória, permaneceram estagnadas as imagens do lugar quando ela tinha 12 anos, ainda que tudo houvesse mudado. Foi o momento em que percebeu que, assim como sua cidade, ela também já não era a mesma menina que havia partido e, por fim, que tinha chegado ao destino. No depoimento de Dalva se percebe que:

[...] o poder simbólico do retorno nasce exatamente dessa impossibilidade prática de não se poder retornar, de fato, para o mesmo “estado das coisas” que se deixou ao emigrar. Portanto, os deslocamentos refundam os “territórios” e suas geografias pela inserção no campo social de novos sujeitos e relações sociais. (SAYAD, 1998; BOURDIEU, 1998, apud, FAZITO, 2008, p.4)

Francesca continua indo e vindo, mantém relações estreitas e familiares com a terra natal. Quando Valéria e o marido vieram, era só por uns tempos, mas nasceram os filhos e, quando iam retornar para a Itália, a fábrica de massas Adria foi vendida para um grupo de americanos. Foi uma fase difícil, mas o marido conseguiu trabalho na empresa de biscoitos Coroa e eles foram ficando.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passado e presente entrecruzam-se nos registros orais de Iole, Dalva, Francesca e Valéria. A partir do olhar destas mulheres é possível entender que elas dão conta de um espaço cotidiano, citadino e diversificado, dentro do qual construíram suas histórias de vida. Elas indicam, pelas suas experiências e pontos de vista, as distintas maneiras de inserção das mulheres imigrantes na sociedade porto-alegrense. Ao mesmo tempo, seus relatos demonstram as nuances culturais basilares na construção de suas identidades. As narrativas das mulheres trouxeram referenciais anteriores à partida, que englobam uma história maior. Nesses

referenciais vislumbram-se episódios relativos a conflitos locais e mundiais, ideologias políticas, costumes, religião, alimentação, trabalho e desenvolvimento relativo tanto à região de partida quanto ao local de chegada de cada uma.

Através da narrativa de suas lembranças é possível entender as razões que atraíram estrangeiros para Porto Alegre e identificar as mudanças que ocorreram no período entre 1945 e 1955. A cidade se tornara atrativa em virtude do desenvolvimento industrial. Em função disso, foram incrementados seus espaços com investimentos na construção de novas moradias, estradas para o escoamento da produção, entre outros. Os imigrantes que vieram disponibilizavam de recursos para investirem em diversas áreas: no comércio, como o pai da Dalva que tinha um armazém; na mão de obra especializada, como o marido de Valéria que era técnico de montagem e veio trabalhar na indústria de fábrica de massas. Alguns se inseriram fornecendo serviços especializados, como Francesca que lecionava italiano, geometria, piano e artes plásticas.

Pode-se compreender também, por meio dos relatos das mulheres, o significado de determinados lugares, que são apresentados sob seus diferentes olhares, sejam eles de convívio privado ou social, de trabalho ou lazer, de cultura e entretenimento. Percebe-se o surgimento de novos bairros que vão atender aos grupos operários, a revitalização e modernização dos espaços centrais da cidade. É possível identificar através de suas narrativas a ascensão econômica das famílias de imigrantes como a família de Rocco Gallo e Carlos H. Oderich, A. J. Renner entre outros.

O sentido de pertencimento e integração com o espaço urbano de Porto Alegre-RS foi sendo arquitetado aos poucos e reflete as influências das redes sociais entre imigrantes, que tanto estreitaram e se diversificaram em novas conexões. Os dados apresentados demonstram que as redes de migração são sustentadas por redes de parentesco, amizade e de origem comum conforme relatos das imigrantes entrevistadas, estas redes modificaram-se em função das novas necessidades de seus integrantes.

As pessoas que fizeram parte das redes migratórias desenvolveram relações de poder que determinaram locais de sociabilidades e atuação política e econômica. Como resultado estabeleceram ligações duradouras, familiares, fortalecidas pela preservação dos costumes, nas quais se enquadra a depoente Dalva Cassará, a Sociedade Calábria e a *Sociedade Italiana* no RS. Iole, revela as relações de

amizade construídas em função da manutenção de ideais patrióticos brasileiros. São vínculos de ligação, criados com o objetivo específico de preservar uma memória institucionalizada, e que se mantêm ao longo dos anos, como no caso da Associação de Ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira

Quanto a Valéria e Francesca, firmaram laços e relações de amizade em função do trabalho, tanto amizades delas, que eram professoras, como dos respectivos maridos, que atuavam na indústria e no campo das artes plásticas. A construção da identidade das quatro mulheres, entre outros fatores, resultou do trânsito ou percurso efetuado por cada uma, ou seja, de um longo processo de reelaboração mental, negociação e adaptação à nova vida, que já se iniciara na partida e concretizou-se com a chegada. Partindo das relações fixadas, elas reelaboraram suas identidades utilizando as lembranças do passado que foram armazenadas ao longo da vida. O passado e a memória destas mulheres estão representados através de signos que identificam suas origens.

Os signos, que em geral remetem às origens podem ser encontrados no interior dos seus lares: Dalva possui em sua sala um quadro que reproduz sua casa, porta-retratos com fotografias e estátuas distribuídos sobre os moveis que remetem à Morano Calabro. Francesca, além do acervo de quadros do marido, das fotografias, faz o delicioso *panforte*, que é distribuído para algumas cidades do interior do estado. Iole tem alguns objetos, mas os mais recorrentes são as fotografias da família e dos lugares de Pescia, que estão, ou penduradas na parede de sua sala ou caprichosamente organizados nos álbuns cuidadosamente guardados.

Pondera-se, ao final, que esta reflexão cumpriu o seu objetivo fundamental, que foi ressaltar a importância dos depoimentos orais das mulheres imigrantes e ajudar a fomentar a autoestima de cada uma delas. Pois ao narrarem suas experiências elas realizam um trabalho colaborando na produção de um documento histórico que servirá para analisar as transformações sociais e eventos por elas vivenciados. Esses registros servem como fonte de estudo sobre as mulheres imigrantes na cidade de Porto Alegre e estão disponíveis e abertos a novos olhares, no Laboratório de Pesquisa em História Oral (LPHO) da PUCRS. Salienta-se, ainda, que os depoimentos coletados instigaram a reflexão teórica nos campos da História Oral e da Imigração, oportunizando experiências que resultaram em significativo material para estudos presentes e futuros.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Angela; PADILHA, Paulo Roberto. **O eu e o outro compartilhando diferenças, construindo identidades**. In: V SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO “UTOPIAS HUMANAS: SONHOS! LIBERDADE, INCLUSÃO E EMANCIPAÇÃO. POR QUE NÃO?”, 2004, Caxias do Sul. Disponível em: <www.kinderland.com.br/anexo%5C1092005027654.doc>. Acesso em: 09 set. 2010.
- BALILLAS NA ITÁLIA. Disponível em: <conhecerahistoria12.blogspot.com.br>. Acesso em: 23 maio 2012
- BONAFÉ, Marilene De Carli. **Memória, literatura e cultura: as vozes de mulheres italianas**. Passo Fundo: UPF Editora, 2007. 231
- BRUM, Rosemary Fritsch. História e memória: a soldadura da imaginação. **Revista de Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 1-225, jun. 2006.
- _____. **Uma cidade que se conta: imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre (1920-1937)**. 2003. 452 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 2003.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. 395
- BLINKHORN, Martin. **Mussolini e a Itália Fascista**. São Paulo: Paz & Terra, 2009. 118 p.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983. 402 p.
- BRITO, Fausto. Ensaio sobre as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo. **Revista Brasileira de Estudos da População**, São Paulo, v. 12, p. 45-67, jan./fev., 1996.
- CAMPOS, Ismael Saz. **Repensar o fascismo**. Tradução de Alberto Aggio. **Perspectivas**, São Paulo, v. 22, p. 241-272, 1999. Versão de Vincent S. Olmos do original em catalão.

CARLEIAL, Adelita. **Redes sociais entre imigrantes**. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_640.pdf>. Acesso em 19 set. 2010.

CENI, Franco. **Italianos no Brasil**. São Paulo: Martins, EDUSP, 1975, p.401.

CLEMENTE, Claudemir Correia. Apud BIDARD, Claire, 1997. **Habitando o movimento**. VIII RAM (Reunión de antropología del Mercosur, 2009 Buenos Aires/Argentina. Disponível em:< [www.ram2009.unsam.edu.ar/GT/.../GT28-Ponencia \(CORREA\).pdf](http://www.ram2009.unsam.edu.ar/GT/.../GT28-Ponencia%20(CORREA).pdf)> p.9.

Acesso em: 17 dezembro de 2009, p. 9

CONCEITOS BASICOS DA CIÊNCIA ECONÔMICA. Disponível em: <www.fontedosaber.com/administracao/conceitos-basicos-da-ciencia-economica.html>. Acesso em: 14 set. 2011.

CONJUNTO MELÓDICO BALDAUF Disponível em <<http://sambaesoul.blogspot.com.br/search/label/Conjunto%20Mel%C3%B3dico%20Norberto%20Baldauf>>. Acesso em : 11 maio 2011.

CINE THALIA. Disponível em: <http://www.carlosadib.com.br/poa_fatos.html> Acesso em: 15 maio 2011

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulheres imigrantes. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 63-73, 2006.

_____. Italianos na cidade. Porto Alegre (1850-1914). In: DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, M^a Beatriz Pinheiro. **Imigração italiana e estudos ítalo-brasileiros**. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

_____. **Projeto Mulheres Imigrantes em Porto Alegre (1945-1970)**. Porto Alegre: CPHO, 2007. Financiado pela FAPERGS/CNPq.

_____. Teoria da história e reabilitação da oralidade. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 37-74.

_____. **O italiano na cidade**. Porto Alegre: ACIRS/UPF, 2000.

_____. **O italiano da esquina**. Porto Alegre: EST Edições, 2008.

CELESTINO, Vicente. Disponível em: <<http://letras.mus.br/vicente-celestino-musicas/473426/>> . Acesso em: 15 set. 2010.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990. 244 p.

CUVILLIER, Armand. **Sociologia da Cultura**. São Paulo: Globo, 1975. 372 p.

DUCCESCHI, Francesca Coniglio. **O catavento da vida**. Porto Alegre: PROSAPIENS, 2010.

FACCHINETTI, Luciana. **A imigração italiana no segundo pós-guerra e a indústria brasileira nos anos 50**. 2003, 140 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

FASCI ITALIANI DEL' ESTERO, NA ITÁLIA, NO BRASIL E EM SÃO JOSÉ DO RIO PARDO. Disponível em: <www.saojoseonline.com.br/nuova/pog53.htm>. Acesso em: 23 maio 2012.

FAZITO, Dimitri. **Análise de redes sociais e imigração**: dois aspectos fundamentais do "retorno". 2008. Disponível em <www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v25n72/v25n72a07.pdf> Acesso em: 23 maio 2012.

FERREIRA, Nadiá Paulo. **O mito do amor na literatura medieval Portuguesa**. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/abf/vol4/num1-04.htm>>. Acesso em: 18 set. 2010.
GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais**: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

_____. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 255 p.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. A formação do indivíduo nas relações sociais: contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 71, p. 116-131, jul. 2000. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a05v2171.pdf>. Acesso em 15 maio 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004. 222 p.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. 121 p.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos**: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 598 p.

IMAGENS DE PORTO ALEGRE. Disponível em

<<http://www.portoimagem.com/fotosantigas/antiga107.html>>: Acesso em: 22 de maio 2012.

_____. < <http://www.portoimagem.com/fotosantigas/antiga112.html> > Acesso em 22 de maio 2012

_____. <[http://fotosantigas.prati.com.br/FotosAntigas/Diversos/Novas201210/Porto Alegre Rua Dem%C3%A9trio Ribeiro\(acervo Laudelino Medeiros\) d%C3%A9c 1950.htm](http://fotosantigas.prati.com.br/FotosAntigas/Diversos/Novas201210/Porto Alegre Rua Dem%C3%A9trio Ribeiro(acervo Laudelino Medeiros) d%C3%A9c 1950.htm)> Acesso em 22 de maio 2012

_____ <<http://www.facebook.com/pages/Nossa-Porto-Alegre/218265241634401>>
Acesso em 22 de maio 2012

_____ <<http://fotos.sa.po.pt/jaimemuller/fotos/?uid=VtDuyyyZ9QTA2G8Fw7S8>>
Acesso em 22 de maio 2012

_____ <http://fotosantigas.prati.com.br/fotosantigas/PortoAlegre/Porto_Alegre_Bairro_Partenon_Vila_S%C3%A3o_Jos%C3%A9_1956.htm> Acesso em 22 de maio 2012

_____ <http://trinity.ritterdosreis.br/cgi-bin/wxis.exe?IscScript=phl8/003.xis&cipar=phl8.cip&bool=exp&opc=decorado&exp=API&code=&lang>

ISTITUTO LIGURE PER LA STORIA DELLA RESISTENZA E DELL'ETÀ CONTEMPORANEA (GENOVA). Disponível em <<http://www.immaginidistoria.it/epoche1.php?page=2&id=8/>> Acesso em: 17 maio 2012

ISTITUTO PIEMONTESE PER LA STORIA DELLA RESISTENZA E DELLA SOCIETÀ CONTEMPORANEA (TORINO). Fondo Elsa Oliva. Disponível em: <http://www.immaginidistoria.it/immagine1.php?id_img=824&id=33&id_epo=8/> Acesso em: 17 maio 2012.

JARDIM, Paulo Sérgio Fioravanti. **Vozes e notícias das ruas de Porto Alegre do início dos anos cinquenta**. 2004, 195 f. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre.

JESUS, Damásio E. de. **Conceito de idoso na legislação penal brasileira**. Disponível em: <<http://jus.com.br/revista/texto/5122/conceito-de-idoso-na-legislacao-penal-brasileira>>. Acesso em: 05 jun. 2011.

JUNIOR, Manuel Diégues. **Imigração, urbanização e industrialização**: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Pesquisa Educacional, 1964. 385 p.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1996. 553 p.

MAESTRI, Mário. A travessia e a mata: memória e história. In: DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, M^a Beatriz Pinheiro. **Imigração italiana e estudos ítalo-brasileiros**. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

MANN, Michael. **Fascistas**. Rio de Janeiro: Record, 2008. 560 p.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. 550 p.

_____, **Representações da cidade de Porto Alegre** na obra *O resto é silêncio* de Érico Veríssimo. Sociedade brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH) Anais da XXV Reunião. Rio de Janeiro: SBPH, 2005.

MONTEIRO, Filipe. **Fascismo italiano**. Disponível em: <<http://conhecerahistoria12.blogspot.com.br/2011/11/fascismo-italiano.html>>. Acesso em: 20 maio 2012.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1993. 153 p.

MOSCHETTI, Lydia. **Autobiografia**. Porto Alegre: Ediplat, 2008. 288 p.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: UNIJUÍ, 2007. 223 p.

NORBERTO, Cândido. PROJETO VOZES DO RÁDIO.. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/famecos/vozesrad>>. Acesso em: 24 set. 2010.

O BRASIL NA GUERRA. **Atividades preparatórias da Força Expedicionária Brasileira (FEB)** Disponível em: Disponível em: <http://www.2guerra.com.br/novosite/index.php?option=com_content&view=article&id=125:atividades-preparatrias-da-fora-expedicionaria-brasileira-feb&catid=77:o-exrcito&Itemid=34>. Acesso em: 18 set. 2010.

PORTAL DA SEGUNDA GUERRA. Associação dos veteranos da FEB – seção Porto Alegre - RS. Disponível em:

<<http://portalsegundaguerra.blogspot.com.br/2010/10/associacao-de-veteranos-da-feb-secao-de.html>> Acesso em: 18 set. 2010

PACIEVITCH, Thais. **Bens de consumo**. Disponível em:

<www.infoescola.com/economia/bens-de-consumo>. Acesso em: 21 set. 2011.

PENNA, Rejane. Deslocamentos e adaptações: uma proposta de interpretação das narrativas de migrantes, unindo elementos da hermenêutica e da análise de discurso. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 99-115, jun. 2006.

PEREIRA, Syrléa Marques. **Entre histórias, fotografias e objetos: imigração Italiana e memória de mulheres**. 2008. 279 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História Cultural: caminhos de um desafio contemporâneo. In: _____; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. (Org.). **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em História Cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008. p. 11-18.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010. 258 p.

_____. **O massacre de Civitella Val di Chiana** (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 103-130.

_____. **O massacre de Civitella Vai di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944)**. Módulo Virtual: Memórias da violência. Disponível em: <<http://www.cholonautas.edu.pe/memoria/portelli1.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2010.

SASSOON, Donald. **Mussolini e a ascensão do fascismo**. Tradução de Clovis Marques. São Paulo: Agir, 2009, 200

SIMMEL, Georg. **Estudios sobre las formas de socialización**. Madrid: Alianza Editorial, 1986, v. 2. 208

SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE IMIGRAÇÃO ITALIANA, 1996. Caxias do Sul. Anais. 1996. In: GIRON Loraine Slomp. In: **Leituras da Imigração**. Caxias do Sul: EDUCS, 1996. 500p.

SCHMIDT, Benito Bisso. Entre a filosofia e a sociologia: matrizes teóricas das discussões atuais sobre história e memória. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 85-97, jun. 2006.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: Memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993.

SILVA, Márcia Andréa Schmidt da. **Uma comunidade eslava ortodoxa: russos e ucranianos em Porto Alegre: 1948, 1996**. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 1996.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife**. São Paulo: Nacional, 1968. 377 p.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRENTO, Angelo. **Fascismo italiano**. São Paulo: Ática, 1986. 96

_____. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989. 574

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 1, 2008.

VANSINA, Jan. **La tradición oral**. Barcelona: Labor, 1966. 244 p.

VIEIRA, Maria Auxiliadora Mota Gadelha. **As associações de ex-combatentes**. Disponível em: <<http://segundaguerra.net/brasil-na-segunda-guerra-as-associacoes-de-ex-combatentes>>. Acesso em: 18 set. 2010.

VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. 357 p.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **As Guerras Mundiais (1914-1945): o desafio germano-japonês à ordem anglo-americana**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2003. 174 p.

FONTES PRIMÁRIAS

CASSARÁ, Dalva. **História de vida**. [7 maio 2010]. Entrevistadores: Egiselda Charão e Leonardo Conedera. Porto Alegre: CPHO. Entrevista arquivada no Centro de Pesquisa em História Oral no PPGH-PUCRS.

DUCCESCHI, Francesca Coniglio. **História de vida**. [22 out. 2010]. Entrevistadores: Egiselda Charão e Leonardo Conedera. Porto Alegre: CPHO. Entrevista arquivada no Centro de Pesquisa em História Oral no PPGH-PUCRS.

TREDICE, Iole. **História de vida**. [2010]. Porto Alegre: CPHO. Entrevista arquivada no Centro de Pesquisa em História Oral no PPGH-PUCRS.

PASKULIN, Valéria Novek. **História de vida**. [2002]. Porto Alegre: CPHO. Entrevista arquivada no Centro de Pesquisa em História Oral no PPGH-PUCRS.

JORNAL *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 01 jul. 1948.

JORNAL *Correio do Povo*. Porto Alegre, 02 ago. 2009.

JORNAL *Folha da Tarde*. Porto Alegre, n. 117, 11 set. 1946.

JORNAL *Zero Hora Petrópolis*. Porto Alegre. 05 jul. 2007.